

LUÍS FILIPE COVAS LÚCIO TASQUINHA (N.º 2008021226)

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
Eng.º. ACÁCIO CALAZANS DUARTE JUNTO DA TURMA DO 9ºC NO ANO
LETIVO 2015/2015**

Relatório de Estágio apresentado à
Faculdade de Ciências do Desporto e da
Educação Física – Universidade de
Coimbra com vista à obtenção do grau de
Mestre em Ensino da Educação Física
nos Ensinos Básicos e Secundário.

Orientador: Mestre Paulo Nobre
(FCDEF-UC)

Coimbra
2016

Esta obra deve ser citada como:

Tasquinha, L. (2016). *Relatório de Estágio Pedagógico Desenvolvido na Escola Eng.º Acácio Calazans Duarte Junto da Turma do 9ºC no Ano Letivo 2015/2016*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da Educação Física nos ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

AGRADECIMENTOS

Chegado ao fim deste caminho, é hora de lembrar todos aqueles que fizeram parte dele e que contribuíram para o concretizar deste sonho.

Primeiro, devo lembrar o meu suporte de base, pois sem ele nada disto teria sido possível; Assim, um enorme obrigado aos meus pais, que me possibilitaram o concretizar deste sonho, estiverem sempre presentes, acreditando sempre em mim.

Também agradeço a toda a minha família, por serem os pilares da minha formação e educação, por me terem ajudado não só neste momento mas ao longo de toda a minha vida.

Um agradecimento especial ao Professor Cláudio Sousa pela sua competência, por me ter ensinado tudo o que lhe foi possível, por me ter guiado e aconselhado ao longo deste ano, e mais importante, pela amizade que sempre teve para comigo, facilitando todo o trabalho desenvolvido.

Ao Professor Paulo Nobre, por ter sido o auxílio, a voz da razão, um transmissor de conhecimentos que me proporcionou uma melhoria notória ao longo deste ano.

À Professora Manuela Carvalho por toda a disponibilidade demonstrada em ajudar na minha assessoria ao cargo de Diretor de Turma, ao Grupo Disciplinar de Educação Física pela ajuda e pelos conselhos dados ao longo do ano e ao Agrupamento de Escolas da Marinha Grande por todo o apoio e afeto com que fui recebido. Obrigado por me terem oferecido esta fantástica aventura de aprendizagem, de partilha de conhecimentos e de formação pessoal.

Quero também agradecer aos meus colegas de Estágio, Ricardo Pimentel, Ricardo Carvalho e Suzi Sousa pela amizade, companheirismo e entreaajuda que proporcionamos uns aos outros. Foi um prazer poder participar convosco neste percurso.

A todos os meus amigos, por fazerem de mim a pessoa que sou hoje. Pela vossa amizade, compreensão e por todos os momentos que passámos até hoje, muito obrigado!

Por último, aos vinte e um alunos do 9ºC, que sem eles nada faria sentido, um muito obrigado! Obrigado por me fazerem acreditar que qualquer dificuldade pode ser ultrapassada!

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retrocedendo o sonho pelo qual se pôs a caminhar”

(Paulo Freire, 1997, p. 155)

RESUMO

O Estágio Pedagógico que se apresenta como o último período de formação académica inserido no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, tem como suporte pedagógico a intervenção na Escola Eng.º Acácio Calazans Duarte junto da turma do 9ºC dando a possibilidade ao estagiário de experienciar as funções de docente de uma forma orientada. É sem dúvida uma das etapas da formação académica mais enriquecedoras onde o estagiário tem a possibilidade de colocar em prática todos os seus conhecimentos teóricos no contexto real da escola, para a partir daí desenvolver uma aprendizagem em todos os domínios da prática pedagógica e do desempenho do cargo que exerce. Este trabalho engloba uma descrição sobre as experiências adquiridas, de refletir constantemente sobre o seu desempenho e por isso surge a elaboração do Relatório de Estágio, como mais um elemento de avaliação. Este documento será dividido em três capítulos principais, o primeiro apresenta a contextualização da prática desenvolvida, as expectativas iniciais em relação ao estágio pedagógico, a caracterização do local onde este esteve inserido e de todos os seus intervenientes que de forma direta ou indireta tiveram um papel ativo. O segundo capítulo inclui uma análise reflexiva sobre a prática pedagógica que passa por descrever as aprendizagens realizadas, dificuldades sentidas, questões no âmbito da ética profissional e dilemas que surgem ao longo da experiência. Para concluir o terceiro onde se aborda um estudo na área das demonstrações e da sua utilização no processo ensino-aprendizagem. Este tema foi selecionado pelo Núcleo de Estágio de Educação Física do Agrupamento de Escolas da Marinha Grande Poente – Escola Eng.º Acácio Calazans Duarte e contempla a amostra dos alunos do 3º Ciclo do referido agrupamento.

Palavras-Chave: Estágio Pedagógico. Educação Física. Professor. Aluno. Processo Ensino-Aprendizagem. Intervenção Pedagógica. Demonstração.

ABSTRACT

The Pedagogic Training which is the last period of the academic learning process integrated in the Master Degree in Teaching Physical Education in Basic and Secondary Education, has the pedagogic support of the intervention in EngºAcácio Calazans Duarte school with the 9th C class, giving the trainee the possibility of being a teacher under the supervision of another teacher. It is, for sure, one of the most enriching academic experiences where the trainee teacher can practice all the theory knowledge in the real context of a school, develop a learning experience in all the domains of his pedagogic practice in order to achieve the best performance . This report is a description of the acquired experiences, a constant reflection about the performance and so, the Training Report appears as another assessment criteria. This report focuses on three main chapters: The first one presents the context of the practice, first expectations towards the pedagogic practice , the local and school characteristics as well as all the intervenient who had a more direct or indirect role. The second chapter is a reflexive analysis about the pedagogic training and describes the knowledge, difficulties, professional ethic issues and also the dilemmas that came up during the experience. To conclude, the third chapter presents a study in the area of demonstrations and its use in the teaching/ learning process. This issue was selected by the Physical Education training team in “Agrupamento de Escolas da Marinha Grande Poente- Engº Acácio Calazans Duarte” and integrates a sample of the students of the 3rd cycle .

Key Words: *Pedagogical Training, Physical Education, Teacher, Student, Teaching- Learning process, Pedagogical Intervention, Demonstration.*

ÍNDICE

RESUMO.....	V
ABSTRACT	VI
INTRODUÇÃO	1
I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA.....	2
1.Expectativas e opções iniciais em relação ao Estágio Pedagógico	2
2.Caracterização da realidade escolar	3
2.1. Caraterização da Escola.....	3
2.2. Grupo de Educação Física e Núcleo de Estágio	5
2.3. Caraterização da Turma – 9 ^o C	7
II – ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	12
1.Planeamento	12
1.1.Plano Anual	13
1.2.Unidades Didáticas	15
1.3.Plano de aula.....	16
2.Realização	19
2.1.Dimensão de Instrução	19
2.2.Dimensão de Gestão	21
2.3.Dimensão de Clima/Disciplina	23
2.4.Decisões de Ajustamento	24
2.5.Observações de Aulas.....	25
3.Avaliação.....	25
3.1.Avaliação Diagnóstica.....	26
3.2.Avaliação Formativa	27
3.3.Avaliação Sumativa	28
3.4.Auto e Heteroavaliação.....	29
3.5.Critérios de Avaliação	29
4.Pratica Pedagógica Supervisionada	30

5.Componente Ético-Profissional	31
6.Questões Dilemáticas	32
III – Aprofundamento do TEMA-PROBLEMA: Influência das demonstrações no processo de ensino aprendizagem.....	34
1.Introdução	34
2.Enquadramento Teórico.....	34
3.Objetivos do estudo	37
4 Metodologia.....	37
5.Amostra 39	
5.1.Caraterização da Amostra	40
6.Tratamento de dados	42
7.Apresentação de resultados.....	42
7.1.Opinião sobre a disciplina de Educação Física	43
7.2.Tipos de demonstrações experienciadas pelos alunos nas aulas de Educação Física	45
7.2.1. Modelo	45
7.2.2. Composição	46
7.2.3. Direção	46
7.2.4. Momento.....	47
7.3.Preferência dos alunos relativamente às demonstrações nas aulas de EF.....	47
7.3.1.Modelo	48
7.3.2.Composição	48
7.3.3.Direção	49
7.3.4.Momento.....	49
7.4.Forma de demonstração associada a uma melhor aprendizagem	50
8.Discussão de resultados	51
9.Conclusão do tema-problema	52

CONCLUSÃO.....	53
Referências Bibliográficas.....	54
ANEXOS	56

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1.** Horários de Funcionamento da Escola.
- Tabela 2.** Meio Escolar.
- Tabela 3.** Pessoal Não-Docente.
- Tabela 4.** Pessoal Docente.
- Tabela 5.** Critérios de Avaliação do AEMGP.
- Tabela 6.** População do AEMGP.
- Tabela 7.** Amostra 3ºCiclo.
- Tabela 8.** Legenda Siglas.
- Tabela 9.** Relação do modelo da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos.
- Tabela 10.** Relação da composição da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos.
- Tabela 11.** Relação da direção da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos.
- Tabela 12.** Relação do momento da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos.
- Tabela 13.** Relação do modelo da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos.
- Tabela 14.** Relação da composição da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos.
- Tabela 15.** Relação da direção da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos.
- Tabela 16.** Relação do momento da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1.** Diferentes níveis de avaliação diagnóstica dos alunos.
- Gráfico 2.** Caracterização da amostra.
- Gráfico 3.** Distribuição dos alunos por níveis de proficiência.
- Gráfico 4.** Distribuição da amostra pelos anos de escolaridade.
- Gráfico 5.** Gosto pela disciplina de Educação Física.
- Gráfico 6.** Importância atribuída à disciplina de Educação Física.
- Gráfico 7.** Autoavaliação a Educação Física
- Gráfico 8.** Perfil ideal das demonstrações

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEMGP – Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente

JDC – Jogos Desportivos Coletivos

NEEF – Núcleo de Estágio de Educação Física

PAT – Plano Anual de Turma

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

UD – Unidade Didática

LUÍS FILIPE COVAS LÚCIO TASQUINHA, aluno nº 2008021226 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de Março de 2009).

Coimbra, ____ de Setembro de 2016

Assinatura:

INTRODUÇÃO

Este documento foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Relatório de Estágio, correspondente ao 4º Semestre do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, efetuado na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra e realizado na Escola Eng.º Acácio Calazans Duarte, situada na Marinha Grande, junto da turma do 9ºC.

Após a conclusão do Estágio Pedagógico, admitindo este como a fase inicial da atividade docente onde colocamos em prática, nos diversos domínios da ação pedagógica, os conhecimentos adquiridos durante a formação académica, resta agora descrever e refletir sobre todas as experiências vividas ao longo do ano, assim como as aprendizagens adquiridas, e como estas contribuíram e irão contribuir para o nosso crescimento e enriquecimento pessoal e profissional.

Segundo Simões (1996), o Estágio Pedagógico apresenta-se como um período único e significativo na vida pessoal e profissional do docente.

Neste documento iremos apresentar um enquadramento e uma contextualização da ação pedagógica, bem como um desenvolvimento descritivo e reflexivo sobre as diversas áreas inerentes à mesma, desde o planeamento, passando pela realização até à avaliação. Serão abordadas também problemáticas que surgiram ao longo do estágio, e aspetos de ética profissional que são essenciais a um bom desempenho por parte do estagiário, na perspetiva de um futuro docente.

Iremos de igual forma aprofundar um estudo que foi desenvolvido ao longo do Estágio Pedagógico na área das demonstrações, “A Demonstração nas aulas de Educação Física” junto do 3º Ciclo do Agrupamento de Escolas da Marinha Grande.

I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

1. Expectativas e opções iniciais em relação ao Estágio Pedagógico

Face à realização do Estágio Pedagógico as expectativas iniciais eram elevadas em todas as dimensões que este exigia, quer na pedagógica, organizacional, didática e científica. Tendo noção das limitações, sabíamos também as nossas capacidades e como aplicá-las, no entanto tínhamos consciência de que toda esta caminhada iria ter os seus altos e baixos, mas sobretudo, tínhamos confiança que em qualquer situação daríamos o meu melhor para conseguir contribuir positivamente para a formação integral dos nossos alunos, e de forma ativa e interventiva na escola.

Apesar de possuímos alguma experiência em trabalhos de animação, lazer e ocupação de tempos livres desenvolvidos em campos de férias ou como treinador de uma modalidade específica, tínhamos a noção da seriedade e da necessidade de competência e responsabilidade que a ação pedagógica, numa escola, exigia. Esperávamos, então, poder contribuir de forma positiva para o desenvolvimento dos alunos, fomentando valores, atitudes e hábitos de vida saudáveis, privilegiando a criação de igualdade de oportunidades para as gerações futuras através de um trabalho baseado em valores essenciais como a determinação, o rigor, a cooperação, a exigência, a disciplina, o respeito e a solidariedade.

Na qualidade de Estagiários esperávamos deste ano, um ano rico em aprendizagens, tanto a nível específico da Educação Física, como em valores e atitudes que deveríamos desenvolver enquanto professores. Estávamos certos que a realização do estágio seria um passo decisivo para a continuidade da nossa aprendizagem e para o desenvolvimento de competências profissionais num quadro de desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.

Sempre tivemos uma grande paixão pelo desporto, pela atividade física, e qualquer decisão que tivéssemos que tomar ao longo deste ano não nos assustaria e a determinação para ultrapassar todos os obstáculos que surgissem apenas serviria para nos, certamente, tornar em profissionais mais competentes. Enfrentávamos o Estágio como uma estrada conhecida a percorrer, mas com encruzilhadas que nos permitissem errar, voltar atrás e corrigir para melhorar.

2. Caracterização da realidade escolar

2.1. Caraterização da Escola

A Escola Secundária Eng.º Acácio Calazans Duarte, herdeira da antiga Escola Industrial da Marinha Grande, orgulha-se de, ao longo de mais de 80 anos, contribuir para a educação e formação de sucessivas gerações de jovens e adultos.

A Escola Secundária Calazans Duarte tem uma origem que remonta ao século XVIII, com a instalação da Fábrica de Vidro na Marinha Grande, pelo inglês Guilherme Stephens. Em 1991 foi-lhe atribuída um patrono, nascendo então o nome que hoje tem: Escola Secundária Engº Acácio de Calazans Duarte.

Na década de 90, a massificação do Ensino Secundário refletiu-se na Escola, e houve a necessidade de ampliar o seu recinto escolar, com um novo edifício, designado por Bloco B, no ano letivo de 1997/98, em substituição dos pavilhões pré-fabricados ainda existentes.

Em resultado do processo de requalificação, a Escola apresenta hoje condições físicas e materiais que, conjugadas com o fator humano, respondem às necessidades de uma educação e formação de qualidade, constituindo uma porta de acesso ao ensino superior ou ao mundo do trabalho, através das diversas modalidades formativas em funcionamento.

O desenvolvimento de formação qualificante para jovens em áreas como energias renováveis, secretariado, contabilidade, produção em metalomecânica, eletricidade, cozinha, restauração, serralharia mecânica e instrumentista de sopro e percussão, corresponde às expectativas dos jovens que a procuram e às necessidades do tecido económico e social desta região. Constitui igualmente preocupação da Escola desenvolver modalidades formativas destinadas aos adultos, das quais são destacadas o processo RVCC, os cursos EFA escolares e de dupla certificação e as formações modulares, respondendo desta forma às exigências do mercado de emprego e à melhoria da qualificação dos membros da comunidade.

A escola fica situada na zona Poente da cidade da Marinha Grande e é constituída por dois blocos, distribuídos por vários patamares, a saber:

Piso 0:

Serviços Administrativos; Arquivo Morto; Refeitório; Bar; Papelaria; Casas de Banho de alunos; Arrecadação de Educação Física; Balneários; Polivalente; Relvado Exterior; Salas de aula.

Piso 1:

Conselho Executivo; Centro de Recursos Educativos; Sala de Professores; Biblioteca; Casas de Banho para Pessoal Docente e Não Docente; Sala de Informática; Ginásio; Direção; Sala de Diretores de Turma; Auditórios; Salas de Aula.

Piso 2:

Salas de Aula.

Em relação às instalações desportivas, o Ginásio tem disponível todo o material necessário para a abordagem de Ginástica, Badmínton, Atividades Rítmicas e também Desportos de Combate. Para além disso conta ainda com uma parede de Escalada

Existem também 2 espaços exteriores, um sem cobertura e um com cobertura. Os espaços exteriores encontram-se devidamente equipados e são destinados à prática de modalidades como o Andebol, Basquetebol e Futsal, Voleibol, Badmínton.

Fora do recinto escolar ainda contamos com mais três espaços direcionados para a prática desportiva, sendo eles o Estádio Municipal da Marinha Grande onde são lecionadas as várias disciplinas do Atletismo, o Clube de Ténis da Marinha Grande composto por 5 courts de ténis sendo o Ténis abordado neste espaço e por fim o Parque dos Mártires composto por 2 campos de futsal e uma área ampla onde podemos trabalhar e melhorar a condição física dos alunos.

Os espaços não permitem que em todos eles se possam desenvolver todas as modalidades, ainda que alguns sejam polivalentes o suficiente para se assegurar todas as matérias que deverão ser lecionadas, com exceção da Natação. No entanto, a rotação de espaços permitiu uma organização da disciplina de Educação Física com qualidade, garantindo os recursos suficientes para esse efeito.

Serviços	Horários
Direção Executiva	8h30 às 12h30 14h30 às 17h00
Secretaria	9h00 às 16h00
Serviço de Psicologia e Orientação	09h30 às 17h00
Biblioteca / Mediateca	8h30 às 16h40
Papelaria	8h15 às 12h00 13h00 às 16h30
Reprografia	8h00 às 17h15
Refeitório	12h20 (2º e 3º Ciclo)
Bar dos Alunos	9h00 às 12h00 14h00 às 16h50
Período de Aulas	8h30 às 23h00

Tabela 1 – Horários de Funcionamento da Escola

A população escolar da Escola Secundária Eng.º Acácio Calazans Duarte, no ano letivo 2015/2016 é constituída por 1514 indivíduos, dos quais 1130 são alunos, distribuídos pelo 9º ano de escolaridade (pertencente ao 3º Ciclo), Ensino Secundário, Vocacional e Noturno, 143 são docentes e 41 são pessoal Não-Docente.

Anos escolares	N.º de Turmas	N.º Alunos
9º	10	226
10º	15	335
11º	15	317
12º	16	308
Vocacional	9	114
Noturno	1	30
Total	48	1330

Tabela 2 – Meio-Escolar

Pessoal Não Docente	
DEPARTAMENTO	NÚMERO DE PESSOAL
Assistentes Operacionais	22
Assistentes Técnicos	13
Técnicos Superiores	6
Total	41

Tabela 3 – Pessoal Não-Docente

Pessoal Docente			
DEPARTAMENTOS CURRICULARES	GRUPOS DISCIPLINARES	NÚMERO DE PESSOAL	TOTAL DE DEPARTAMENTO
Línguas	Grupo 300 - Português	19	33
	Grupo 330 - Inglês	10	
	Grupo 350 - Espanhol	4	
Ciências Sociais e Humanas	Grupo 290 – Religião Moral e Católica	1	24
	Grupo 400 - História	6	
	Grupo 410 - Filosofia	8	
	Grupo 420 - Geografia	4	
	Grupo 430 – Economia e Contabilidade	5	
Matemática e Ciências Experimentais	Grupo 500 – Matemática	14	49
	Grupo 520 – Biologia e Geologia	12	
	Grupo 530 – Educação Tecnológica	6	
	Grupo 540 – Eletrotecnia	4	
	Grupo 550 – Informática	4	
Expressões	Grupo 600 – Artes Visuais	6	20
	Grupo 620 – Educação Física	14	
Técnicos Especializados	-	17	17
Total			143

Tabela 4 – Pessoal Docente

2.2. Grupo de Educação Física e Núcleo de Estágio

O Grupo Disciplinar de Educação Física pertence ao Departamento de Expressões e os seus coordenadores são os professores Ernesto Ferreira e Paulo Tojeira, respetivamente. O responsável pelas instalações é o professor Rui Verdingola enquanto o coordenador do Desporto Escolar é o professor João Teixeira que pertence a outra escola do agrupamento.

O grupo de Educação Física é constituído por 14 professores, 4 professores do 3º ciclo e secundário, 6 professores do secundário e 4 professores estagiários. Dos professores mencionados, três deles são do sexo feminino e os restantes 11 do sexo masculino.

Grande parte dos docentes do Grupo de Educação Física já leciona nesta escola há vários anos, no entanto é o primeiro ano que o professor Cláudio Sousa desempenha as funções de orientador, sendo portanto a primeira vez que a escola recebe estagiários de Educação Física. Ainda assim é de referir, que desde o início do ano letivo, que o grupo mostrou sempre disponibilidade em cooperar com os estagiários nas diversas tarefas a cumprir. Todos eles foram recetivos à nossa presença, integrando-nos no meio escolar.

No início do ano letivo o professor Cláudio facultou-nos um conjunto de documentos para facilitar a nossa orientação dentro da escola, mas sendo o seu primeiro ano, tivemos que aguardar pela colaboração dos restantes professores. Desses documentos destacam-se o PNEF, o regulamento da disciplina, o mapa de rotação (roulement), os formatos e os critérios de avaliação. Ainda foi entregue aos estagiários uma cópia das chaves das instalações de Educação Física (Ginásio, Gabinete e Arrecadação de material)

O NEEF é composto por 4 professores estagiários, do qual faço parte, e completado pelo professor Ricardo Carvalho, o professor Ricardo Pimentel e a professora Suzi Sousa.

Foram-nos atribuídas 2 turmas do 9º ano e duas turmas de 10º ano, distribuídas da seguinte forma: Luís Tasquinha – 9ºC; Ricardo Carvalho – 9ºD; Ricardo Pimentel – 10ºF e Suzi Sousa – 10ºH

Consideramos ser importante referir que durante o ano houve um ambiente de companheirismo e amizade vivido dentro do NEEF o que contribuiu, certamente para o seu bom funcionamento, promovendo o desenvolvimento de um bom trabalho em grupo e permitindo que pudéssemos ultrapassar os problemas com que nos deparámos. O nosso orientador mostrou-se sempre disponível para ajudar em qualquer dúvida que surgisse, proporcionando-nos aprendizagens enriquecedoras.

Ao nível da organização do Núcleo, para além das aulas, tínhamos ainda reuniões formais de Estágio à Quinta-feira pelas 13h30, no entanto, no final das aulas realizávamos uma reflexão sobre as mesmas com o intuito de fazer um balanço da aula, apontando os pontos fortes e os pontos fracos a melhorar. Os balanços das aulas foram bastante produtivos e fundamentais para uma constante troca de ideias, esclarecimento de dúvidas, quer a nível da transmissão de conhecimentos das matérias, quer a nível da implementação de estratégias e da prática pedagógica. Sem dúvida que a opinião de quem está de fora a observar a

aula, por outro prisma, é importantíssima na medida em que consegue aperceber-se de alguns erros que se possa cometer, sendo que, qualquer chamada de atenção e trocas de opinião permite-nos melhorar o nosso desempenho enquanto docente, aula após aula. Para além dos compromissos referidos, comparecemos também em reuniões pontuais de articulação, do Desporto Escolar, do Departamento e do Grupo de Educação Física.

A nível de organização de eventos, essencialmente desportivos, o grupo teve um papel ativo e preponderante na sua realização e, enquanto estagiários da Escola, também nós fomos convidados a participar nos eventos desenvolvidos. Desde o Desporto Escolar (Distritais e Regionais), passando pelos Corta-Matos (Agrupamento e Distritais) até aos torneios e competições interescolares, muitos foram os eventos em que participámos, podendo contribuir sempre para que as atividades tivessem o sucesso pretendido.

Este tipo de contato é crucial para desenvolvermos e aperfeiçoarmos capacidades de planeamento e organização em atividades deste género, já que no desempenho de funções enquanto docentes seremos chamados, seguramente, a dinamizar e organizar atividades de várias dimensões.

2.3. Caracterização da Turma – 9ºC

No decorrer da carreira profissional de um docente existem inúmeras competências a cumprir nas mais diversas áreas. Na tentativa de ir ao encontro das necessidades e interesses dos alunos em geral, e do aluno em particular, uma vez que as suas expectativas escolares e motivações são diferentes, cabe ao professor conhecer a população com que vai trabalhar, conseguindo assim individualizar o processo de ensino, resolver de uma forma mais eficaz alguns problemas que possam surgir, melhorar a sua competência pedagógica e as estratégias a adotar.

A turma que aqui se apresenta, o 9ºC, era composta por 21 alunos, 18 rapazes e 3 raparigas, sendo que o grupo se mantém do 8º ano, à exceção de um aluno que ingressou na turma já no decorrer do ano letivo, vindo do estrangeiro. Inicialmente a turma era composta igualmente por 21 alunos integrando um aluno com necessidades educativas especiais que, no entanto, pediu transferência para outra turma. Ficou assim a turma reduzida a 20 elementos até à chegada, ainda no 1º Período, do outro aluno.

A nível de desempenho, a grande maioria da turma tinha um aproveitamento escolar razoável ou fraco, na medida em que 11 dos 21 alunos já tinham retenções em anos anteriores. Pelas informações obtidas através da Diretora de Turma e das presenças das reuniões de conselhos de turma, nem todos os encarregados de educação revelavam as mesmas preocupações, sendo que alguns tinham presenças assíduas na escola demonstrando preocupação pela educação e formação dos seus educandos, já outros raramente contactavam a escola. Desde o início que foi indicada como uma turma que apresentava muitas dificuldades nos vários domínios, e foram referenciados logo no primeiro conselho de turma alguns alunos com mais dificuldades nos domínios cognitivo e socio-afetivo, com o intuito de preparar os professores para lidar com eventuais situações com que se viessem a deparar.

Na generalidade, a turma do 9ºC revelava-se muito pouco ativa dentro da comunidade escolar. À exceção de eventuais casos, foram poucos os alunos que participaram nas diversas atividades organizadas no agrupamento ao longo do ano letivo, demonstrando pouco interesse, entusiasmo e pouca preocupação com o seu aproveitamento e acima de tudo uma turma pouco unida e com falta de hábitos de desenvolvimento de trabalho.

A grande maioria dos alunos reside próximo da Escola, ainda que alguns necessitem de transporte para se deslocar. Existem alguns alunos da turma que praticam ou já praticaram desporto, em modalidades variadas, desde o Futebol, Futsal, passando pela Natação, pelo Judo e Patinagem de Velocidade. No que diz respeito a problemas de saúde não havia registo de grandes preocupações com nenhum dos alunos, à exceção de um deles que estava impedido de realizar aulas que envolvessem exercícios de esforço elevado devido a problemas renais, podendo pôr em risco a sua integridade física.

Em relação à disciplina de Educação Física em concreto, é importante afirmar que a turma era bastante heterogénea, mas que na sua generalidade, apresentou um nível razoável de desempenho nas diferentes matérias abordadas ao longo do ano.

Através do inquérito preenchido pelos alunos (consultar Anexo 1 – Caracterização da Turma), podemos afirmar que o Futsal era a modalidade que mais gerava consenso a nível de satisfação, seguindo-se modalidades como o Andebol,

Voleibol, Badminton e Atletismo. Já a modalidade que menos satisfação trás aos alunos é a Ginástica.

Poucos alunos apresentavam um nível avançado nas modalidades abordadas, possibilitando-lhes, não só maior facilidade na execução dos exercícios, como também na compreensão dos conteúdos. O facto de terem essa facilidade permitiu-lhes ajudar os colegas nas matérias onde eram mais fracos, criando alguns desenvolvimentos interessantes.

Existiam também alguns alunos com muitas dificuldades visíveis, e que não demonstravam muito gosto pela disciplina. Neste caso surgiram mais dificuldades em motivar os alunos, particularmente quando eles têm a noção que estão aquém dos colegas, com tendência em desligar-se dos exercícios, para não prejudicar nem atrapalhar os colegas. Estas situações aconteciam sobretudo nas modalidades de Jogos Desportivos Coletivos e foi um grande desafio cativar esses alunos, através da proximidade que se estabeleceu com eles, e a preocupação em ajudá-los e dar-lhes o apoio e o incentivo para poderem ultrapassar os obstáculos que surgissem. Na verdade, é com grande satisfação, que afirmamos que conseguimos que alguns desses alunos se aproximassem mais da turma nas aulas de Educação Física. Contudo, houve alunos que não obtiveram um desenvolvimento que nos deixasse totalmente satisfeitos mas, aceitamos esse facto, como uma aprendizagem, na busca de novas estratégias e de novas medidas que permitam, no futuro, alcançar as metas que idealizamos contribuindo, certamente, para um melhor desempenho pessoal e profissional.

Foi uma turma que desde cedo se mostrou exemplar na pontualidade, salvo raras exceções, e apesar de ser considerada uma turma pouco trabalhadora nas outras disciplinas, podemos afirmar que nas aulas de Educação Física tinham uma postura maioritariamente correta, empenhando-se nas tarefas propostas pelo professor e respeitando as regras de convivência de sala de aula.

A nível de comportamento a turma era algo agitada, essencialmente durante as instruções e demonstrações de exercícios e, sem o devido acompanhamento, podiam criar problemas no controlo e na gestão da aula. Ainda assim, os alunos tiveram um comportamento satisfatório ao longo do ano.

Individualizando um pouco as matérias abordadas durante o ano letivo é de salientar que a turma apresentou maior homogeneidade na Ginástica de Aparelhos e no Badminton situando-se, maioritariamente, no nível Introdutório. Na Ginástica de

Aparelhos o nível geral da turma situava-se também no Introdutório à exceção de um aluno. Os alunos realizavam os saltos e os movimentos gímnicos no entanto não respeitavam as suas componentes críticas. Em relação ao Badminton foi uma turma que também se apresentou essencialmente no nível Introdutório, uma vez que tinham tido pouco contacto com a modalidade. Tanto a nível do conhecimento das regras, como das determinantes técnicas e gestos existentes na modalidade, os alunos demonstraram poucas capacidades e poucos conhecimentos.

Já no Voleibol, e apesar da maior parte dos alunos se encontrar num nível Introdutório, podemos classificar a turma como heterógena, uma vez que havia uma grande discrepância entre os alunos que indicaram um nível muito fraco relativamente aos alunos mais aptos, que ainda assim não apresentaram índices suficientemente fortes para serem colocados no patamar seguinte, o Elementar, mas que já tinham alguns fundamentos e conhecimentos básicos da modalidade.

Em relação às restantes modalidades abordadas já existiam algumas diferenças notórias. No Basquetebol os alunos demonstraram domínio de alguns conteúdos. Ao nível do conhecimento das regras, e mesmo das determinantes técnicas e gestos existentes na modalidade, os alunos apresentaram algumas capacidades bem razoáveis, quando comparado com o Voleibol. Houve outros parâmetros interessantes: apesar de uma larga maioria dos alunos conhecer regras e gestos, a sua aplicação em situação de jogo nem sempre era a melhor, e como era de esperar, os alunos tinham uma boa capacidade técnica no geral, mas poucos eram aqueles que conseguiam jogar a um nível mais avançado. O Futsal, sendo a turma essencialmente constituída por rapazes, trouxe uma grande motivação para os alunos, mesmo para aqueles que se encontravam no nível Introdutório. Verificou-se uma turma muito heterogénea, uma vez que havia alunos nos três níveis (Introdutório, Elementar e Avançado). Se por um lado apresentavam alguma facilidade em perceber o jogo, as suas regras e as componentes críticas dos gestos técnicos, sentiam algumas dificuldades em relação aos aspetos táticos e à realização dos gestos técnicos em situação de jogo, nomeadamente na ocupação dos espaços e tomadas de decisão. No Atletismo havia também uma grande discrepância entre os alunos mais e menos proficientes. Houve alunos que apresentaram muitas dificuldades essencialmente de coordenação e em algumas componentes técnicas das várias disciplinas, como a corrida de estafetas ou a técnica de corrida. No entanto, a turma enquadrou-se, na sua globalidade, num nível

satisfatório. Em relação ao Andebol registou-se, com satisfação e surpresa o empenho e motivação apresentados pelos alunos durante esta matéria. Inicialmente pensámos que fosse uma modalidade que os alunos não apreciassem mas com o decorrer das aulas fomos-nos convencendo do contrário. A turma não era fraca, tinha os conhecimentos básicos da modalidade, mas também tinha diferenças evidentes entre os alunos mais aptos e os menos aptos. Os alunos demonstravam poucas dificuldades ao nível da técnica individual, mas em situação de jogo, à semelhança do Futsal, tinham pouca noção da movimentação no espaço.

Por fim, na Ginástica de Solo a turma apresentou também níveis heterogéneos, com alunos no nível elementar (apesar de poucos), alunos com muitas dificuldades, encontrando-se nos níveis Introdutórios, e ainda alunos que se recusavam a realizar alguns movimentos gímnicos. Esta foi a Unidade Didática que nos suscitou, desde cedo, uma certa curiosidade mas o balanço foi claramente positivo. Apesar da apreensão inicial, dada a pouca experiência que tínhamos na modalidade, no final ficámos bastante satisfeitos e realizados por termos conseguido ajudar alunos a atingirem metas que pensámos que não fossem possíveis.

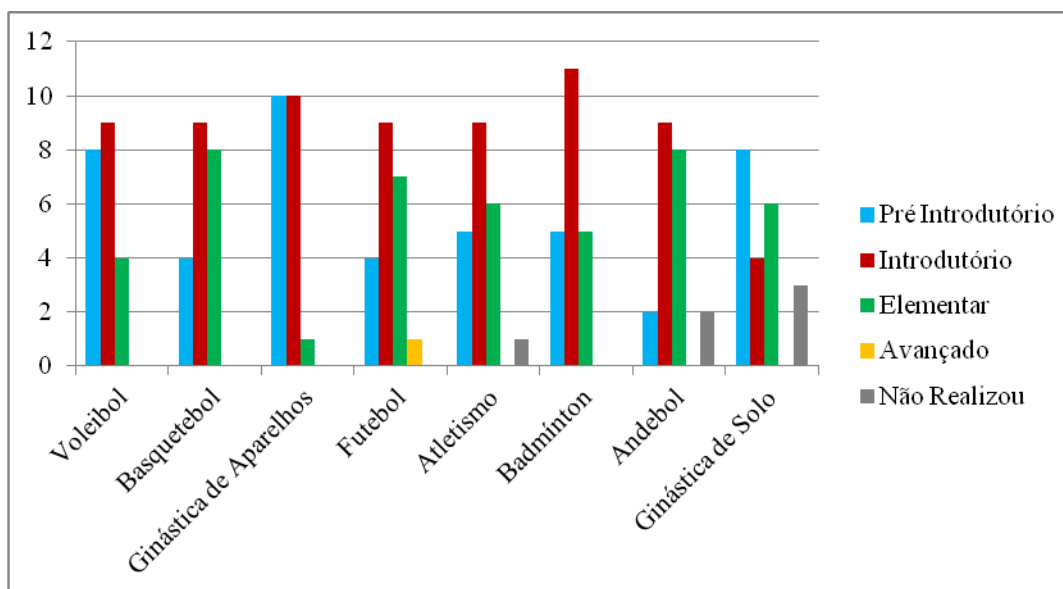


Gráfico 1 – Gráfico onde são discriminados os diferentes níveis de avaliação diagnóstica dos alunos.

II – ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Segundo Bento (1998), “para um ensino eficiente são necessárias reflexões estratégicas, balizadoras da ação durante todo um ano escolar”.

Quando estamos perante o processo ensino-aprendizagem temos que respeitar essencialmente três etapas: o planeamento do ensino, a condução da aprendizagem dos alunos (realização) e a avaliação. De seguida passamos a descrever cada uma dessas competências.

1. Planeamento

“O planeamento pode ser entendido na generalidade como método de previsão, organização e orientação do processo de ensino-aprendizagem, é concebido como um instrumento didático-metodológico, no sentido de facilitar as decisões que o professor tem de tomar, para alcançar os objetivos a que se propõe.

(Sousa, 1991)

O planeamento é uma ferramenta das mais importantes, se não mesmo a mais importante da ação pedagógica, uma vez que é a reguladora e o suporte de todo o processo ensino-aprendizagem.

O processo de planeamento inicia-se com a definição das matérias a lecionar direcionado ao ano de escolaridade em causa e são vários os aspetos a ter em conta quando as selecionamos.

Existem dois modelos de planificação: o modelo de planificação por blocos e o modelo de planificação por etapas.

O Modelo de Planificação por Blocos, caracteriza-se pela organização de um conjunto de blocos temáticos, nomeadamente referentes a uma modalidade desportiva, sendo relativamente independentes uns dos outros. O Modelo de Planificação por Etapas é caracterizado por se basear num período de avaliação

inicial sobre as matérias que serão lecionadas ao longo do ano letivo, e de seguida organizadas de uma forma faseada ao longo desse ano, possibilitando a utilização de aulas multimatéria, ou seja, lecionar mais do que uma matéria numa mesma aula.

O modelo praticado no AEMGP e que foi também adotado pelo NEEF foi o “*Modelo por Blocos*”. Para a seleção das matérias baseámo-nos em vários aspetos: a polivalência dos espaços, os recursos materiais, as matérias previstas no PNEF e a motivação/satisfação dos alunos para a aprendizagem dessas modalidades – informação recolhida no questionário da caracterização da turma. Assim, as matérias escolhidas foram o Voleibol, o Basquetebol, a Ginástica de Aparelhos, o Futsal, o Atletismo, o Badmínton, o Andebol e a Ginástica de Solo.

De salientar que a primeira matéria a abordar foi o Voleibol uma vez que o espaço disponível, na altura, era o Polivalente, e todas as turmas que se encontrassem nesse espaço teriam obrigatoriamente que iniciar com o Voleibol, devido à logística que é envolvida para preparar o campo.

Outro ponto que é importante mencionar foi a decisão, em conjunto com o orientador Cláudio Sousa, de abordagem do Atletismo e do Futsal no mesmo bloco. O facto de existirem aulas de 45 minutos no 3º Ciclo, condicionava a deslocação para os espaços destinados ao ensino de determinadas modalidades, prejudicando o tempo útil de aula. Sendo esta consequência inconcebível, optámos racionalmente por conjugar as duas modalidades.

Para terminar, apenas acrescentar que o planeamento deverá ser realizado em três momentos, trabalho desenvolvido ao longo do ano (plano anual), por períodos (unidades didáticas) e a curto prazo (plano de aula). No entanto, deveremos apresentar um guia flexível e dinâmico capaz de ser alterado de forma a responder às necessidades dos alunos e ajudar a ultrapassar fatores extrínsecos que influenciem toda a ação previamente planificada.

1.1. Plano Anual

“A elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano letivo.”

(Bento, 1998)

O Plano Anual tem um papel indispensável, na medida em que surge da necessidade de criar um guia orientador que permite ao professor otimizar a articulação entre as partes que dele fazem parte, nomeadamente, elaborar a planificação de acordo com as características do meio envolvente, assim como, com as características específicas de cada aluno. Em conformidade, respeitando a flexibilidade, unicidade, a objetividade, a continuidade e exequibilidade, o plano é específico da turma, e permite melhorar a qualidade da aprendizagem e os resultados escolares dos alunos, respeitando as capacidades individuais de cada um.

Deste modo, este documento apresenta a análise dos programas (dos níveis de cada matéria), uma breve caracterização da escola, a análise dos alunos (caraterísticas pessoais, sociais, culturais e desportivas), a análise dos recursos espaciais (consultar Anexo 2 - Roulement), temporais e materiais, definição de objetivos, o plano anual de atividades, as atividades propostas para a turma, a avaliação e as estratégias que permitem valorizar as aprendizagens dos alunos.

De salientar que este documento serve de linha orientadora para a atuação do professor de Educação Física, o que significa que pode sofrer reajustamentos ao longo do ano letivo.

Finalizado o Estágio, podemos afirmar que o Plano Anual se revelou extremamente útil no que diz respeito à previsão, a longo prazo, dos conteúdos a abordar, tornando-se num documento essencial, elaborado em conformidade com a realidade e de fácil consulta. Auxiliou também na seleção correta dos objetivos e conteúdos, mantendo a consciência do tempo disponível para poder realizar aquilo a que nos propomos, conseguindo desta forma uma planificação mais sensata e com exequibilidade, limitando erros que pudessem surgir ao longo do ano letivo.

No entanto, o plano anual acabou por sofrer algumas alterações, nomeadamente no que diz respeito ao número de aulas de cada unidade didática (UD).

Com o Plano Anual a reger toda a ação pedagógica de um modo mais geral, ao longo do ano devemos especificar mais as matérias a lecionar. É aqui que entra a necessidade da elaboração de Unidades Didáticas individualizadas para cada matéria.

1.2. Unidades Didáticas

“Unidades Didáticas constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem.”

(Bento, 1998).

Segundo o autor acima citado, podemos afirmar que a Unidade Didática constitui, tal como o Plano Anual, um documento essencial para o bom planeamento. Esta serve para consulta e guia/orientação do próprio professor sendo no entanto mais específica, destinada a uma matéria, com uma explicitação clara dos conteúdos a abordar, dos objetivos específicos, das progressões a utilizar, das estratégias destinadas à prossecução dos objetivos a que nos propomos atingir, bem como uma sequenciação das aulas que temos disponíveis para lecionar essa mesma matéria, organizando as mesmas com uma função didática específica que vai ao encontro das necessidades dos alunos nos diferentes momentos.

A UD confere alguma flexibilidade não só aos conteúdos mas fundamentalmente à sua estruturação, porque cada professor pode personalizar a sua UD para que lhe seja de mais fácil consulta.

A construção da UD que se inicia após a avaliação diagnóstica face aos objetivos para a turma, é a construção do Quadro de Extensão e Sequenciação de Conteúdos, onde são delineados os conteúdos a abordar, as funções didáticas, os momentos das avaliações, etc. (consultar Anexo 3 – Exemplo de Quadro de Extensão e Sequenciação de Conteúdos). Porém, o pensamento principal na conceção da UD é potenciar a aprendizagem dos alunos.

Quando iniciámos a construção das unidades didáticas, decidimos apresentar uma estrutura idêntica no NEEF. Essa estrutura iniciar-se-ia com a contextualização histórica e caracterização da modalidade, o regulamento e as regras fundamentais de jogo e de seguida apresentaríamos as habilidades técnico-táticas e as respetivas componentes críticas. A partir desse ponto cada um seria responsável por moldar a sua UD procurando ir ao encontro do programa estabelecido pelo PNEF segundo o nível de ensino. Nesta lógica seguir-se-iam os recursos disponíveis para a sua leção (humanos, espaciais, materiais e temporais), os objetivos gerais e específicos da modalidade em questão, situações de progressões pedagógica, as

estratégias e os estilos de ensino a adotar, terminando com os métodos de avaliação e o quadro de extensão e sequenciação dos conteúdos.

Se queremos ser justos na nossa prática é necessário ajustar a mesma àquilo que os alunos necessitam, às suas dificuldades, e promover a sua aprendizagem de uma forma diferenciada, conferindo assim igualdade entre todos. Os métodos de avaliação podem ser vistos como um dos capítulos mais importantes uma vez que conduzem e regulam o processo ensino-aprendizagem.

A UD terminava então com a avaliação diagnóstica que serviria para elaborar a extensão e sequenciação de conteúdos face às necessidades dos alunos e posteriormente com a avaliação sumativa e o respetivo balanço final com uma reflexão de todo o trabalho desenvolvido na UD, das opções metodológicas utilizadas e da evolução e resultados obtidos pelos alunos. Esta reflexão individual do trabalho realizado tinha como finalidade perceber o que tinha corrido bem e menos bem para fazer correções ou manter procedimentos.

1.3. Plano de aula

“A aula é não somente a unidade organizativa essencial, mas sobretudo a unidade pedagógica do processo de ensino. E isto porque tanto o conteúdo e a direção do processo de educação e formação, como também os princípios básicos, métodos e meios deste processo devem encontrar na aula e por meio dela a sua correta concretização”.

Segundo Bento (1987)

Em todo o planeamento, partimos sempre de um nível macro para um nível micro. Após a realização do Plano Anual definindo todo o ano letivo, e das Unidades Didáticas em que planeamos as diferentes matérias, passamos ao momento mais particular do ensino, com o planeamento de cada aula.

A elaboração do Plano de Aula deverá ser cuidada, sabendo que as tarefas que organizamos devem ir ao encontro do objetivo que escolhemos para a mesma, evitando um desfasamento entre o que se pretende e o que se pratica.

O Plano de Aula deverá ser também o nosso auxílio durante a aula sempre que assim for necessário, devendo por isso ter uma estruturação simples que permita uma leitura rápida e eficaz.

No que diz respeito à estrutura do plano de aula (consultar Anexo 4 – Plano de Aula), esta foi decidida em reunião do NEEF supervisionada pelo orientador Cláudio Sousa e foi sendo melhorada, até atingir a versão final, com os conselhos e a ajuda do professor orientador Paulo Nobre durante as suas deslocações iniciais à escola.

Na versão final o Plano de Aula ficou dividido em 3 tabelas. Na primeira aparece a justificação do plano de aula, onde são justificadas as tarefas que se irão realizar na aula, as estratégias a adotar e outros argumentos relevantes para a escolha dessas tarefas.

A segunda tabela surge com um cabeçalho onde é identificada a turma, o número de alunos, a hora e o local da aula, o professor observado e o que observa, o número de aula da UD e o número total de aulas, o período, a unidade didática, a função didática, o objetivo da aula, o sumário e os recursos materiais. A parte principal da tabela apresenta a aula propriamente dita e encontra-se dividida em 3 partes: Inicial, Fundamental e Final. Nela é descrita a hora em que se inicia cada exercício e a sua duração, a descrição e organização das tarefas, os objetivos/componentes, críticas/critérios de êxito, os estilos de ensino/estratégias/palavras-chaves e o que pretendemos avaliar em cada exercício. Antes de iniciar a explicação das diferentes fases da aula é de salientar que durante o planeamento das aulas tínhamos sempre atenção à logística dos exercícios, sobretudo nos recursos materiais, de forma a perder o menos tempo possível nas transições e assim potenciar o tempo de prática dos alunos.

- Parte inicial: nesta fase deverá constar a preleção inicial onde deverá ser fornecida ao aluno toda a informação essencial sobre a aula. Após a instrução deveremos realizar exercícios de forma a efetuar uma ótima ativação geral (Cardiovascular, respiratória e muscular) e também adaptação ao esforço para preparar a parte fundamental da aula. Durante as aulas, houve a preocupação de planejar exercícios que motivassem os alunos pois é do conhecimento geral que esta é a fase da aula que a maioria dos alunos tende a desprezar. Desta forma, optámos por realizar exercícios lúdicos e dinâmicos mantendo os alunos interessados e empenhados. Quando abordámos as modalidades coletivas, e sobretudo nas aulas de 45 minutos, exercitámos os vários gestos técnicos, mesmo de forma recreativa, de forma a rentabilizar o tempo de empenhamento motor.

- Parte Fundamental: esta é, como o próprio nome indica, a parte principal da aula. Foi direcionada para a condução da aula em si, introdução de conteúdos, exercitação ou consolidação daqueles que já foram abordados, através de exercício analítico/critério ou de superioridade numérica, jogo ou sequência, conforme o objetivo da aula. Nesta parte, a transmissão de *feedbacks*, verificação do efeito do mesmo e possíveis adaptações perante as situações imprevistas também são parte integrante e recorrente. Nos JDC demos sobretudo prioridade aos exercícios em situação de jogo, utilizando os exercícios analíticos para a introdução dos gestos técnicos. Consideramos importante que o aluno se habitue a realizar os exercícios em situação de jogo uma vez que a oposição do adversário condiciona a tomada de decisão e o próprio gesto técnico. Um aluno pode realizar perfeitamente um gesto técnico em situação analítica, no entanto quando é colocado em situação de jogo muitas vezes revela insucesso no mesmo. Uma vez que estávamos perante uma turma bastante heterogénea, utilizámos várias estratégias de forma a poder colocar todos os alunos a realizar a aula em conjunto, sem prejudicar nenhum aluno e mantendo sobretudo a motivação e a satisfação na realização dos exercícios. Não era fácil para os alunos menos proficientes realizar exercícios em situação de jogo com os alunos mais aptos e nas mesmas condições; então para colmatar as diferenças dos alunos e aproximar as suas capacidades utilizámos bastantes vezes jogos em superioridade numérica, atribuindo maiores pontuações na concretização do objetivo de jogo aos alunos menos aptos e estruturámos aulas em estações de forma a criar grupos mais homogéneos. Nas modalidades Individuais trabalhámos muitas vezes com estações, uma vez que, para cada exercício, procurávamos encontrar progressões pedagógicas adequadas, não só para tentar atingir a perfeição do gesto técnico, mas também para auxiliar os alunos com mais dificuldades.
- Parte Final: A parte final deverá conter um retorno à calma e os alunos deverão executar exercícios simples ou alongamentos, e também deve ser feito um balanço da atividade com uma referência à aula seguinte. Durante esta fase, incidimos sobretudo em alongamentos e privilegiámos o esclarecimento dos conteúdos abordados, utilizando a estratégia de

questionamento, e, por fim, fizemos um balanço da aula e demos informações relativas à aula seguinte.

A terceira e última tabela, tinha como objetivo elaborar uma reflexão crítica da aula, descrevendo, segundo os vários domínios, os pontos fortes, os menos bons e o que se podia melhorar no futuro.

Concluindo, queremos salientar que inicialmente tivemos alguma dificuldade no planeamento dos exercícios, nomeadamente no que diz respeito à gestão da duração dos mesmos. A explicação e demonstração das tarefas era muito descritiva, não esquematizando muitas das vezes os exercícios nem utilizando meios gráficos que facilitassem a compreensão, o que fazia perder algum tempo da aula. Foi um handicap que foi sendo melhorado ao longo do ano letivo e ficámos bastante satisfeitos por termos realmente conseguido ultrapassar essa dificuldade.

No entanto consideramos que ao nível de planeamento das aulas tivemos sempre a preocupação de ter uma ordem lógica e uma sequência correta do que preparávamos.

2. Realização

Segundo Siedentop (1998), as quatro dimensões do processo ensino-aprendizagem estão sempre presentes de uma forma simultânea em qualquer episódio de ensino. Essas dimensões são a Instrução, a Gestão, o Clima e a Disciplina. Como é evidente as estratégias utilizadas tiveram sempre impacto em mais do que uma dimensão face à sua envolvência e interligação nos períodos de ensino, pelo que de seguida se apresentam as estratégias relativas a cada dimensão pretendendo demonstrar a influência das mesmas nas restantes dimensões.

2.1. Dimensão de Instrução

O professor tem à sua disponibilidade um vasto leque de opções nesta dimensão, contemplando técnicas de intervenção pedagógica desde a preleção, questionamento, demonstração de conteúdos e tarefas, terminando no *feedback*,

que é um ponto fundamental na melhoria do nível dos alunos em todas as matérias lecionadas.

A Instrução é uma dimensão essencial do processo ensino-aprendizagem, sendo a fase de transmissão do conhecimento. Esta deve ser clara, sucinta e coerente de forma a manter os alunos atentos. Sem dúvida que esta dimensão está associada a outras dimensões, tais como a disciplina e a gestão, na medida em que permite ter um melhor controlo da turma e consequentemente intervir de forma mais breve, proporcionando uma melhor gestão do tempo de aula e potencializando o tempo de empenhamento motor. Foi o que acabámos por construir nas aulas, no entanto sentimos que a mensagem nem sempre era transmitida como idealizávamos não só por termos dificuldade em selecionar a informação importante a transmitir, levando algum tempo a explicar as tarefas, mas sobretudo devido também ao comportamento da turma que era bastante agitado e barulhento. Foram dificuldades que foram sendo colmatadas ao longo do ano letivo, já que as relações interpessoais entre professor e alunos também ajudaram. Um ponto que considerámos forte foi a projeção da voz, bastante audível, característica que nos acompanhou do início ao fim do estágio pedagógico.

Em relação ao questionamento, poderíamos ter recorrido mais vezes a esta ferramenta e quando o fazíamos direcionávamos o questionamento para a turma sem o individualizar. Foi um aspeto que nos foi observado pelo Professor Orientador Paulo Nobre enquanto crítica construtiva, aconselhando-nos a intervir de outra forma. Foi algo que fomos melhorando ao longo do ano, apesar de ser um aspeto que ainda deve ser bastante melhorado no futuro.

No que diz respeito às demonstrações, retiramos vários aspetos positivos da intervenção. Já tínhamos conhecimento da importância que esta tinha para a compreensão dos exercícios e de como o modelo, a composição, o momento e a colocação dos alunos perante a demonstração podem influenciar a compreensão do exercício. Uma vez que iniciámos com uma modalidade onde geralmente os alunos apresentam muitas dificuldades em realizar adequadamente os seus gestos técnicos, o Voleibol, e como também não conhecíamos os alunos, tomámos a decisão de ser o professor a demonstrar os exercícios. Ao longo do ano, e sobretudo quando pretendíamos introduzir exercícios novos, analíticos ou em situação de jogo, optávamos por ser o modelo das demonstrações ou então escolhíamos alunos mais proficientes. Quando realizávamos demonstrações de exercícios em grupo

perguntávamos sempre quem gostaria de executar e enquanto realizávamos a demonstração explicava-a verbalmente. Em exercícios mais complexos, fazíamos uma breve explicação antes da demonstração para os alunos que iam demonstrar ficarem com uma imagem do exercício, facilitando a sua compreensão. Uma estratégia que utilizámos muito nas demonstrações quando a maior parte da turma realizava de forma incorreta o exercício, pretendendo corrigi-los, era chamar um aluno que executava incorretamente e pedir-lhe para demonstrar para a turma e de seguida chamávamos um aluno que fazia corretamente e pedíamos também para demonstrar. No final pedíamos aos alunos para identificarem os erros para que pudessem corrigir os seus desempenhos. Durante as demonstrações tínhamos sempre atenção se o modelo se encontrava no campo de visão dos alunos. No final das demonstrações fazíamos o questionamento para saber se todos tinham compreendido o exercício mas percebíamos que a maior parte das vezes os alunos diziam sim sem o perceberem.

No que concerne ao *feedback* pedagógico, para Siedentop (1998) o nível de performance no ensino melhora à medida que professores em formação têm a oportunidade de praticar técnicas específicas e obtêm um feedback fiável quanto ao progresso conseguido pelos alunos na consecução dos objetivos previamente definidos. Este foi um aspeto que aperfeiçoámos ao longo do ano letivo, não só ao nível de frequência e diversificação do feedback como também da sua pertinência. No início do ano, o nosso feedback era essencialmente corretivo e pouco descritivo. Com o decorrer do ano aprendemos a direcionar o feedback para várias dimensões e vários agentes (aluno/grupo/turma), procurando sempre dar feedbacks sistemáticos e positivos de forma a incentivar os alunos a ganharem entusiasmo pela tarefa, melhorámos também o feedback descritivo e aprendemos sobretudo a fechar os ciclos de feedback.

2.2. Dimensão de Gestão

“A gestão de aula caracteriza-se como a capacidade de manter um ambiente favorável às aprendizagens. Envolve competências de comunicação, organização, regras e atitudes”

(Claro & Filgueiras, 2009).

A dimensão da gestão pedagógica refere-se à forma como o tempo da aula é organizado no que respeita à duração dos exercícios, das instruções, das transições entre exercícios e da organização de grupos.

A nossa capacidade de gestão da aula prende-se com um bom planeamento e também com a nossa capacidade de fluidez na instrução.

Desta forma, consideramos que numa fase inicial do estágio tivemos alguma dificuldade na gestão da aula, sobretudo em respeitar a duração das instruções, que devido ao facto de serem demasiado explicativas levava a perder algum tempo de empenhamento motor. Os ajustamentos realizados ao nível da instrução contribuíram, de certa maneira, para que pudéssemos ter sempre uma gestão com bastante qualidade e melhorar a atividade enquanto docentes. Um ponto relevante também para uma boa gestão da aula foi o planeamento dos exercícios, onde tínhamos em conta a logística dos recursos materiais evitando perder tempo nas transições de exercícios. Para além disso, também a sistematização da organização e os mecanismos criados ao longo do ano permitiram que os alunos pudessem realizar as transições de forma fluida e sem perder muito tempo.

As tarefas foram na grande maioria das vezes adequadas para o nível dos alunos e estavam de acordo com os objetivos previstos para a aula, e isso facilitou muito a gestão das aulas, garantindo que o clima e a disciplina não poriam em causa a boa organização que estava preparada. Com os alunos empenhados nas suas tarefas a gestão tornava-se mais fácil, aumentando a possibilidade de melhorar também no aspeto da instrução, o que contribuiu para a aprendizagem dos alunos.

Devemos também referir que a pontualidade da turma foi excecional; os alunos estavam quase sempre, pelo menos, cinco minutos antes do toque de entrada, o que deu vantagens em termos de ativação geral e montagem do material.

No geral as estratégias utilizadas na gestão funcionaram numa perspetiva de melhoria do processo ensino-aprendizagem. Ainda assim consideramos necessário voltar a referir que todas as dimensões estão ligadas e se influenciam diretamente umas às outras, mas a gestão tem uma ligação muito forte com o planeamento. Desta forma, quanto mais cuidado for o planeamento, mais facilitada se torna a gestão da aula.

2.3. Dimensão de Clima/Disciplina

“... a disciplina é importante porque os alunos aprendem melhor numa turma disciplinada. Não há nenhuma dúvida que um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”.

Siedentop (1998),

Neste parâmetro, Gaspar (2008) defende que sempre houve dificuldades, com a disciplina a ser um entrave a um bom andamento pedagógico, no entanto, este é um facto que se tem vindo a agravar nos últimos anos. Assim, era uma das dimensões que mais nos preocupava ao início, e sabíamos que teríamos um papel fundamental na postura que poderia ser assumida na aula. A turma lecionada era agitada e barulhenta, foi uma turma que desde cedo mostrou vários problemas de indisciplina, com agravamento ao longo do ano, nas várias disciplinas de ensino. Havia um núcleo de alunos bem comportados e educados, no entanto havia outro núcleo de alunos que mostrava indiferença face ao processo de aprendizagem e falta de vontade de aprender. Um fator que contribuiu, também, para que a turma tivesse comportamentos inapropriados era que a mesma era composta por 18 rapazes e 3 raparigas, dificultando também a ação do professor. Desde o início a nossa estratégia passou por nunca confrontar em público os alunos mais problemáticos e repreendê-los com feedbacks positivos. Seguimos, na maior parte das vezes, os conselhos do professor orientador Cláudio Sousa para ajudar a combater e atenuar essa problemática, no entanto pode afirmar-se que foi a dimensão que causou maiores dificuldades. Apesar disso, o clima da aula era favorável à aprendizagem, já que conseguimos implementar entusiasmo e motivação na realização dos exercícios e o caráter competitivo dos alunos acabou, também, por ajudar a esse clima.

Toda a estratégia que consiga resolver problemas de indisciplina e que contribua para um crescimento dos alunos numa promoção da sua formação enquanto cidadãos, tem de ser vista como viável, tendo em conta os problemas que são relatados diariamente nas escolas. Neste ponto os pais e encarregados de educação não se podem demitir das suas responsabilidades, uma vez que todos os intervenientes no processo educativo têm um papel a desempenhar enquanto parceiros, sem esquecer que, nos últimos anos, foi progressivamente retirada à

escola, a capacidade de intervir nas diversas situações de indisciplina. A indisciplina tem que ser combatida, e os professores têm aqui, juntamente com os diversos agentes educativos, um papel crucial, no sentido de melhorar a intervenção pedagógica, o processo ensino-aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo como um todo.

2.4. Decisões de Ajustamento

Ao longo da intervenção pedagógica é necessário perceber se algo não está a correr como previsto, pensando a todo o momento na componente essencial do ensino, ou seja, a aprendizagem dos alunos. Deste modo, sempre que nos deparamos com situações ou ocorrências que possam prejudicar essa aprendizagem devemos ter em conta ajustes, não só no que planeamos, mas no momento de prática em si durante as aulas. Essas decisões devem concorrer para os objetivos da aula, de forma a que não se perca a essência do que está planeado. No entanto poderão ocorrer situações extremas em que temos de modificar totalmente a nossa planificação, recorrendo à nossa capacidade criativa e organizativa enquanto docentes.

Segundo Mercado (1999), “o conhecimento prático do professor está fundamentado no pensamento prático e reflexivo; no conhecimento na ação; na reflexão na ação; na reflexão sobre a ação”, confirmando a necessidade que o docente tem de se questionar constantemente sobre a sua prática e sobre as suas intervenções. No entanto, podem sempre acontecer situações imprevistas, que mesmo com o melhor planeamento não conseguimos contornar, e devemos estar preparados para responder de uma forma rápida e eficaz, para que a aula possa decorrer com o máximo de qualidade possível.

Ao longo das aulas, foram poucas as situações em que tivemos de efetuar ajustamentos, ainda assim, quando foram necessários, foram devidos essencialmente a imprevistos ou lacunas detetadas, como por exemplo, recursos materiais e espaciais, número reduzido de alunos ou condições climatéricas desfavoráveis.

Concluimos, assim, que uma boa planificação das aulas nos prepara para possíveis ajustamentos, ou até mesmo para os evitar.

2.5. Observações de Aulas

Segundo o Guia de Estágio, cada estagiário teve obrigatoriamente que realizar diversas observações, seguidas da respectiva análise crítica. O estagiário, formalmente, teve que observar pelo menos uma aula semanal de um colega do seu NEEF, uma aula mensal de um professor do grupo disciplinar de Educação Física e uma aula de outro NEEF. Para além dessas observações, realizámos muitas de forma informal, não necessitando de qualquer tipo de registo.

Foi construída uma grelha pelo NEEF (consultar Anexo 5 – Grelha de Observação de Aula) contendo as várias dimensões do ensino, de forma a facilitar a reflexão crítica da aula. No final da aula, os estagiários agrupavam-se e debatiam situações a melhorar, as estratégias futuras que podiam ajudar a essas melhorias sem esquecer também a importância de mencionar os pontos fortes, bem como salientar se as estratégias adotadas tinham sido previamente planeadas ou adaptadas ao momento, de acordo com o resultado pretendido.

De realçar que estas partilhas contribuíram, em muito, para o nosso desenvolvimento reflexivo enquanto docentes.

3. Avaliação

“Ao longo dos últimos anos, a investigação indicou claramente que os professores podem melhorar o seu ensino quando têm objetivos precisos de alcançar, quando o seu ensino é observador e quando recebem regularmente feedbacks baseados nessas observações”

(Siedentop, 1986)

A avaliação é a recolha sistemática de informação sobre a qual se pode formular um juízo de valor que facilite a tomada de decisão. Assim, os profissionais de Educação Física utilizam, de uma forma geral, como instrumentos de avaliação: testes, registo sob a forma de observação sistemática e/ou questionários, procurando uma apreciação dos níveis das capacidades condicionais, das capacidades de execução técnico-tática e das atitudes e valores. O objetivo da avaliação incide sobre as aprendizagens e competências definidas no currículo nacional para as diversas áreas e disciplinas de cada ciclo.

A Avaliação é o elemento regulador do processo ensino-aprendizagem, isto é, através dela poderemos ter uma noção geral sobre tudo o que foi desenvolvido na prática pedagógica, desde o planejamento e implementação de estratégias, à intervenção pedagógica propriamente dita. Desta forma, e para facilitar a execução de uma Avaliação que seja rigorosa, clara, adequada, sendo tão subjetiva quanto necessária e tão objetiva quanto possível, será fundamental uma definição de objetivos concretos que nos permitam observar claramente o que é pretendido.

Segundo Cardinet (1983), são três as funções pedagógicas da avaliação: a Avaliação inicial ou Diagnóstica (Ver Anexo 5), que tem como base a recolha de informação sobre o nível de proficiência dos alunos numa matéria antes de a lecionar; a Avaliação Formativa (Ver Anexo 6), funcionando como reguladora do processo ensino-aprendizagem ao longo da Unidade Didática; a Avaliação Sumativa (Ver Anexo 7), vista como a certificação dos conhecimentos dos alunos. Assim, o Núcleo de Estágio resolveu implementar as três funções da Avaliação da forma que será explicitada de seguida.

3.1. Avaliação Diagnóstica

“A avaliação diagnóstica pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar a dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes.”

(Ribeiro, 1999)

O principal objetivo da Avaliação Diagnóstica é perceber as dificuldades dos alunos para posteriormente idealizar o seu percurso de aprendizagens.

Para a realização da avaliação diagnóstica, utilizámos grelhas de recolha de dados para cada modalidade (consultar Anexo 6 – Exemplo de grelha de Avaliação Diagnóstica) que foram preenchidas respeitando não só as metas estabelecidas pelo PNEF mas também os critérios de avaliação Internos. Assim, os alunos eram avaliados segundo 3 parâmetros (Não executa - 1, Executa com dificuldade - 2, Executa bem - 3) e posteriormente classificados num dos quatro níveis definidos, Pré-Introdutório, Introdutório, Elementar ou Avançado. No nível Pré-Introdutório, seriam classificados os alunos que não executassem os critérios definidos para o

nível Introdutório. Também foi definido que os alunos que não realizassem a avaliação seriam definidos como Não Realizou e entre cada intervalo ainda recorreremos a sinais (+/-) para poder situar mais corretamente as capacidades dos alunos.

As grelhas construídas eram simples e de fácil preenchimento devido aos vários juízos de valor que uma aula de avaliação diagnóstica obriga. Nas primeiras UD's tivemos alguma dificuldade para fazer a recolha de dados, não só pela pouca experiência que tínhamos na área da avaliação, onde ao mesmo tempo que avaliávamos um aluno ou um grupo de alunos tínhamos que fazer o controlo de toda a turma, mas também porque não conhecíamos os alunos e isso dificultava o trabalho. Neste caso, como estratégia, utilizámos a ajuda dos alunos que não realizavam a aula para ajudarem a identificar os restantes alunos. Tivemos também a preocupação de, nos JDC, avaliar os gestos técnicos, não só em situação analítica como também em situação de jogo.

3.2. Avaliação Formativa

Segundo Bloom (1993) *cit in* Dias e Rosado (2003), entende que o objetivo da Avaliação Formativa não é atribuir notas ou certificados aos alunos, mas sim ajudar o professor, os alunos e outros intervenientes, a regularem o processo de ensino. A avaliação formativa é de carácter contínuo, pessoal e sistemático, não se traduzindo numa avaliação classificativa. Esta avaliação permite ao professor e aos alunos informações sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, permitindo rever, aperfeiçoar, melhorar o processo ensino-aprendizagem e o trabalho a desenvolver. A avaliação formativa, também permite detetar erros de modo a permitir a utilização de outros processos de ensino, acompanhar de perto cada aluno, verificando as suas dificuldades e, a partir daí, criar situações específicas de aprendizagem para cada um ou grupo de alunos. Em casos excecionais pode-se estabelecer objetivos operacionais diferentes para a turma.

Assim, esta modalidade de avaliação permite “individualizar” o processo ensino-aprendizagem, ficando todo o processo sujeito a esta avaliação, o que permitirá fazer as adaptações necessárias ao seu sucesso.

Esta modalidade de avaliação foi realizada de forma informal, sem dias marcados e recorrendo essencialmente ao questionamento durante as aulas

(consultar Anexo 7 – Exemplo de Avaliação Formativa). Foi realizada também de forma contínua através da observação direta, de relatórios de aulas para alunos dispensados, com falta de material ou justificção e aspetos como a assiduidade, pontualidade e comportamento.

3.3. Avaliação Sumativa

“A Avaliação Sumativa é a soma de todas as avaliações realizadas no fim de cada unidade didática, com o objetivo de obter um quadro geral da evolução do aluno. Permite ao professor classificar os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento. É realizada ao final da unidade didática, ou período letivo, de acordo com os critérios previamente impostos ou negociados.”

(Haydt, 2002)

Segundo o Despacho Normativo n.º 1-F/2016, de 5 de abril, a Avaliação Sumativa consiste em formular um juízo de valor sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular.

Esta avaliação foi realizada nas últimas aulas de cada Unidade Didática, de cada período e por fim no final do ano letivo e teve como objetivo verificar a evolução dos alunos nas aprendizagens e na consolidação dos conhecimentos, de modo a ser atribuída uma classificação. Permitiu fazer o balanço final do processo de Ensino-Aprendizagem, informando tanto o professor como os alunos acerca dos objetivos atingidos ou não, relativamente às expectativas inicialmente previstas.

Para avaliar o domínio Psicomotor, foram construídas grelhas para cada UD abordada onde se incluíam os respetivos gestos técnico-táticos em situações analíticas e em situação de jogo (consultar Anexo 8 – Exemplo de grelha de Avaliação Sumativa). Os conteúdos selecionados para essas grelhas iam ao encontro do que está previsto pelo PNEF, moldados aos objetivos definidos para a turma e os alunos eram avaliados segundo 5 parâmetros (Não executa - 1, Executa com muita dificuldade - 2, Executa com dificuldade - 3, Executa bem - 4, Executa muito bem). Recorri a sinais (+/-) para poder situar mais corretamente as capacidades dos alunos.

Dado que não é uma tarefa fácil conseguir justiça e rigor na avaliação dos alunos durante apenas uma aula, em algumas situações tivemos a necessidade de concluir a avaliação sumativa na aula seguinte. Assim, concluímos que é absolutamente importante a recolha de dados da Avaliação Formativa, pois consideramos que o aluno não é exatamente aquilo que demonstra na aula final, mas sim tudo aquilo que demonstrou ao longo da Unidade Didática. Os alunos poderão não atingir o seu melhor nível na aula de Avaliação Sumativa, e se nos deixarmos levar apenas por isso, podemos estar a constatar factos errados.

A avaliação do domínio Cognitivo foi realizada através de questionamentos sobre a matéria durante as aulas, dos relatórios das aulas e por uma componente escrita sobre as modalidades abordadas ao longo do ano. Para avaliar a componente escrita, foi realizado um teste de avaliação nos 1º e no 3º Períodos e um trabalho de grupo no 2º Período.

A avaliação do domínio Socio-Afetivo é centrada na responsabilidade (pontualidade, assiduidade, faltas de material), empenho, participação e comportamento ao longo do ano letivo.

3.4. Auto e Heteroavaliação

A autoavaliação é definida por Nobre (2012) como a avaliação das próprias atuações do sujeito, sendo um procedimento promotor da capacidade de valoração e de decisão do aluno e um elemento de melhoria da qualidade do processo educativo.

A auto-avaliação permite entender a capacidade de autocrítica e autoavaliação do aluno, apreendendo se este tem noção do seu enquadramento em relação aos objetivos que lhe estavam destinados. É muito útil também no sentido de permitir aos alunos ter maior domínio sobre a sua aprendizagem.

Nesta avaliação foram usadas as grelhas definidas pelo NEEF (consultar Anexo 8 – Modelo de Grelha de autoavaliação), que os alunos as preenchem no final de cada período.

3.5. Critérios de Avaliação

No que diz respeito à Avaliação de final de Período, o AEMGP adota uma medida que consideramos estar correta. É atribuída uma ponderação de 60% ao domínio Psicomotor, que é inequivocamente o mais importante no que diz respeito à

Educação Física, 20% ao Domínio Cognitivo, uma vez que será de igual forma importante saber se os alunos compreendem e conhecem as matérias de uma forma mais teórica e os restantes 20% são destinados ao Domínio Socio-Afetivo (Responsabilidade – 4%, Empenho/Participação e Organização/métodos de trabalho – 8%, Comportamento – 8%). Este capítulo é também um importante contributo para que se consiga que os alunos tenham comportamentos adequados e que se empenhem nas aulas (tabela 5).

Para os alunos com dispensa da atividade física os critérios são alterados ficando o Domínio Cognitivo com uma ponderação de 80% e 20% no Domínio Socio-Afetivo.

DOMÍNIO	20%		20%	60%
	Sócio-Afetivo		Cognitivo	Psicomotor
	Responsabilidade: traz os materiais necessários, é pontual	4%	Teste escrito e/ou Trabalho e/ou Outros Instrumentos	Modalidades Leccionadas
	Empenho/Participação e Organização/métodos de trabalho: executa as tarefas, tenta superar dificuldades, é perseverante	8%		
	Comportamento: coopera com os prof.s e colegas, respeita as regras de convivência	8%		

Escala dos diferentes parâmetros do domínio Sócio-Afetivo (0 a 5)

Responsabilidade – 4%		Empenho/Participação e Organização/métodos de trabalho – 8%		Comportamento – 8%	
5	96 - 100 %	5	Muito Bom	5	Muito Bom
4	91 - 95 %	4	Bom	4	Bom
3	86 - 90 %	3	Suficiente	3	Satisfatório
2	81 - 85 %	2	Insuficiente	2	Pouco Satisfatório
1	76 - 80 %	1		1	Insatisfatório
0	≤ 75 %				

Tabela 5 – Critérios de Avaliação do AEMGP

4. Prática Pedagógica Supervisionada

Todas as aprendizagens e melhorias que foram apresentadas ao longo do relatório seriam impossíveis sem a experiência prática, mas também sem o auxílio dos orientadores de Estágio.

Nas primeiras aulas houve algum desconforto com o facto de saber que estávamos a ser supervisionados e observados. No entanto, facilmente percebemos que essa supervisão contribuía para a nossa evolução ao longo do Estágio. Ninguém é detentor da sabedoria total, e é sempre importante termos a capacidade de ouvirmos e partilharmos sugestões e estratégias de alguém com maior experiência do que nós, e desta forma o papel dos orientadores é fundamental. O contacto com o Professor Cláudio Sousa foi essencial para a nossa aprendizagem,

com constante *feedback* de como melhorar a minha intervenção e de como melhorar toda a prática pedagógica, bem como os conselhos do ponto de vista pessoal.

Também através das aulas supervisionadas pelo Professor Paulo Nobre retirámos aspetos fundamentais para a melhoria dos nossos conhecimentos.

5. Componente Ético-Profissional

Segundo Caetano e Silva (2009) os trabalhos de natureza empírica dão-nos a conhecer que os docentes, quando lhes é pedido para se exprimirem acerca do que pensam que é ser professor, definem a sua profissão como uma atividade construtivamente ética. A ética é indispensável, não só no desempenhar das funções enquanto professor, mas em qualquer função, cargo ou profissão que se exerça. As atitudes que demonstramos no desenvolvimento do trabalho devem ser congruentes com valores de grande importância, como o respeito, a dedicação e o cumprimento das regras estabelecidas. Neste sentido, o nosso trabalho enquanto estagiários deverá também ter em conta estes valores, devendo assumi-los como um ponto fulcral no sucesso do Estágio.

Não só nas escolas como no mundo do trabalho em geral, é necessário que tenhamos a perceção da necessidade de bons valores e atitudes, em especial quando trabalhamos com outras pessoas, ou para outras pessoas. Pela nossa experiência a nível de organizações e instituições ligadas ao associativismo juvenil, sabíamos perfeitamente que no Estágio não era estritamente necessário fazer amigos, mas obrigatório seria respeitar todos os intervenientes. E esta é uma premissa fundamental para se desenvolverem e promoverem relações de maior proximidade, assentes numa base de confiança e com um clima favorável a um trabalho de qualidade. A nossa experiência diz-nos que quanto maior for o respeito, mais nos aproximamos, mais confiamos, maior qualidade temos no desempenho das nossas funções, maior qualidade tem o nosso trabalho. Como nas associações, também a escola deverá funcionar nessa base, sendo que devemos ter em atenção que as nossas atitudes passam para os alunos. Desta forma, e se estamos numa instituição de ensino, deveremos ter no nosso trabalho o máximo de ética que for possível.

Consideramos neste ponto que fomos sempre corretos. Sempre assíduos e pontuais, respondemos às necessidades do Agrupamento, envolvemo-nos, tanto quanto possível, no dia-a-dia da escola, com o respeito devido pelos diretores,

professores, alunos e funcionários. Não nos parece que em algum momento do Estágio tenhamos tido uma má conduta, ou que tenhamos prejudicado terceiros devido a qualquer atitude que tenhamos tomado.

Procuramos sempre desenvolver relações de amizade, e tentamos a todo o momento ganhar a confiança de todos os intervenientes. Pelas tarefas que nos eram destinadas e pela facilidade com que tínhamos autorização para realizar projetos ou atividades, percebeu-se que a confiança depositada no Núcleo de Estágio era total, ou pelo menos, era muita. Participámos e prestámos apoio em todos os projetos em que a escola estava envolvida, desde o Andebol 4 kids, ao Corta-Mato escolar terminando no Desporto Escolar, no sentido de poder enriquecer-nos profissional e pessoalmente com o contacto de novas experiências. Esforçámo-nos por sermos um auxiliar disponível no que quer que fosse, e promovemos sempre o trabalho de grupo.

6. Questões Dilemáticas

Ao longo do ano letivo surgem-nos várias questões que necessitam de resposta, mas com uma necessidade de um estudo mais aprofundado e uma maior discussão, não tendo uma resposta fácil.

No Relatório é possível verificar várias dúvidas durante a prática pedagógica, mas neste capítulo vamos essencialmente referir-nos àquelas para as quais não obtivemos resposta, sendo de maior reflexão, e na nossa opinião poderiam levar a estudos bastante pertinentes.

A primeira questão que pretendemos colocar vai ao encontro da necessidade de adequar os objetivos e conteúdos à realidade. Na nossa opinião os objetivos do Programa Nacional de Educação Física poderão ser demasiado rígidos e exigentes para as capacidades que os alunos apresentam, não facilitando muito a adequação das escolas, mesmo com um currículo mais flexível. Assim, não seria pertinente a reformulação do Programa de modo a dar maior autonomia às escolas, sabendo que nem todas possuem as mesmas condições de prática desportiva?

Um dilema com que nos deparámos na escola foi claramente o da liderança. Quando iniciámos o estágio pedagógico, o estagiário não se encontra devidamente preparado para lecionar, dado que não tem experiência. É o primeiro contato com alunos e o professor deve, desde o início, estabelecer um sentimento de confiança com os seus alunos, mostrando claramente que é competente para o cargo que

desempenha. No sentido do professor “agarrar” a turma, não seria plausível existir mais formação nesta área, de forma a preparar o aluno estagiário para esta responsabilidade?

Finalizando, ao nível da Avaliação, na medida em que o estado inicial do aluno e o produto final devem ser tidos em conta na perspetiva da sua evolução, o que nos perguntamos é de que forma a Avaliação Diagnóstica poderá ter uma presença mais marcante na Avaliação Sumativa sem prejudicar nenhum aluno. É sabido que os objetivos claros contribuem para que possamos avaliar mais facilmente. Mas também é uma certeza o facto de querermos principalmente a evolução do aluno. Desta forma um aluno que evolua muito, teria vantagem sobre aquele que não demonstra grande evolução, ainda assim, este último atinge mais objetivos do que o primeiro, tendo um maior nível de proficiência. Assim o que deverá ser realmente privilegiado, a evolução ou o cumprimento de objetivos?

Uma outra questão que pretendemos formular é em relação às aulas de 45 minutos. Durante uma aula de 45 minutos, os alunos têm tolerância de 5 minutos para entrar na sala de aula e mais 10 minutos no final da aula para a higiene pessoal. Assim, uma aula de 45 minutos transforma-se automaticamente numa aula de 30 minutos. Até que ponto, os conteúdos lecionados são realmente assimilados visto que o tempo útil para a prática é bastante reduzido?

III – Aprofundamento do TEMA-PROBLEMA: Influência das demonstrações no processo de ensino aprendizagem

1. Introdução

A abordagem a este tema problema surge no âmbito do Estágio Pedagógico, inserido no segundo ano do mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC).

O tema selecionado foi “A Demonstração nas Aulas de Educação Física” e foi definido em reunião do NEEF da Escola Secundária Eng.º Acácio Calazans Duarte em conjunto com o orientador do mesmo (Professor Paulo Nobre).

Tonello e Pellegrini (1998) referem que a demonstração é a transmissão de informações acerca da meta a ser atingida na ação. Para entendermos as preferências dos alunos relativamente ao tema e às suas diversas dimensões, realizámos um questionário direcionado para cada nível de ensino (1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo e Secundário)

O estudo do tema selecionado incide sobre a intervenção pedagógica específica, e parte do seguinte problema: qual será o impacto percebido da demonstração na aprendizagem dos alunos mais proficientes e de alunos menos proficientes em Educação Física?

O tema da investigação engloba todo o agrupamento, sendo que cada elemento do núcleo de estágio ficará responsável por estudar os seus respetivos ciclos de ensino, adequando aos instrumentos as necessárias adaptações relativamente ao grau de compreensão dos alunos.

Para a realização deste projeto, deslocámo-nos às diferentes escolas do Agrupamento e analisámos, quer com os professores, quer com os alunos o efeito das “Demonstrações” no processo ensino-aprendizagem.

2. Enquadramento Teórico

Sendo a demonstração um dos meios mais utilizados para se transmitir informação acerca daquilo que é pretendido num exercício, é de salientar que através da demonstração, o praticante tenha uma perceção da realização do gesto de acordo com a melhor técnica. O professor deve conseguir a atenção dos seus

alunos, dirigindo-a para gestos determinantes da habilidade, bem como repetir-lhes tais aspetos importantes, pedindo-lhes para executarem e recordarem os mesmos “pontos-chave” devendo organizar a demonstração de forma a ajudar a reprodução da habilidade (Ribeiro, 2013).

Segundo Hebrard (1974) quanto mais repetições por parte do modelo mais fácil será a interiorização do gesto/movimento, essas mesmas repetições poderão ser realizadas a uma velocidade reduzida para uma interpretação mais aprofundada. O mesmo autor defende que a demonstração, pode ser de qualquer tipo e efetuada por qualquer interveniente do processo de ensino-aprendizagem.

Para Sarmiento (1992) a demonstração visa realçar os objetivos que pretendemos que os alunos alcancem, permitindo assim fazer uma análise sistemática das tarefas.

Para o estudo das diferentes dimensões e formas da demonstração, definimos as seguintes categorias de análise: a) Modelo; b) Composição; c) Direção; d) Momento; e) Meios Auxiliares.

Para Sarmiento (1992), a demonstração pode ser consoante o momento. O momento da demonstração, diz respeito à circunstância em que esta pode ser utilizada. Podendo ser feita antes da tarefa ser realizada, sendo aconselhável utilizar este método aquando da apresentação de uma nova habilidade, com o intuito de dar aos observadores um modelo orientador para um futuro empenho. Outro dos momentos para realizar a demonstração é durante a tarefa, que poderá servir como reforço ao modelo que foi apresentado precedentemente. Esta estratégia poderá ser útil para o professor, uma vez que pode fornecer *feedback* corretivo sobre a prestação do(s) aluno(s), impedindo assim que os alunos estejam a executar uma habilidade de forma incorreta. Por fim, temos a demonstração que pode ser realizada após a tarefa, que tem como principal objetivo a revisão de conteúdos, reforçando os critérios de execução da habilidade que esteve a ser trabalhada.

Abordando a composição da demonstração, esta pode ser realizada em duas circunstâncias diferentes, dependendo da forma como o professor aborda a aula, a turma e os conteúdos a abordar. Desta forma, a demonstração pode ser realizada antes da explicação privilegiando a forma como se executa o movimento em causa, podendo ainda ser realizada depois da explicação onde primeiro são apresentadas as componentes críticas da habilidade a trabalhar e só depois é realizada a demonstração dessa mesma habilidade.

No que concerne à direção da demonstração esta pode ser direcionada para toda a turma, para um grupo dentro da turma, ou então, para um aluno em particular. O professor poderá utilizar a demonstração direcionada para toda a turma com o objetivo de apresentar uma determinada habilidade motora pela primeira vez, sendo assim mais fácil a explicação desse mesmo movimento. Através da demonstração para um grupo, o professor poderá dar *feedback* corretivo para um determinado grupo de alunos que poderão estar a cometer erros semelhantes, realizando assim uma revisão dos conteúdos/critérios de execução do movimento. Quando a demonstração é direcionada para um determinado aluno, poderá servir como estratégia de *feedback* individual a um aluno específico. O professor terá que ter em conta o momento em que essa demonstração é feita.

Relativamente ao modelo da demonstração, este pode recair nos vários tipos de demonstração que poderá ser realizada pelo professor, pelo aluno mais proficiente ou pelo aluno menos proficiente. O professor é que deve ser o principal responsável pela escolha desse mesmo modelo e se o professor dominar os conteúdos da habilidade que pretende que seja trabalhada, é uma mais-valia que seja o professor a realizar a demonstração, uma vez que para além do conhecimento teórico, demonstra conhecimentos na parte prática, o que pode levar os alunos a perceber que têm no professor uma referência na execução das habilidades. Com os alunos a observar uma demonstração por parte de um colega que executa de forma correta a explicação do professor e perceberem que, se há pelo menos um colega que o faz na perfeição, então os outros também o poderão conseguir através da persistência e ajuda do professor. Por último, o professor poderá utilizar um aluno menos hábil, para desta forma ajudar os alunos a perceberem os erros mais comuns e formas de melhoramento de execução dos exercícios sabendo sempre que poderão recorrer à ajuda do professor.

Por fim, o professor poderá fazer recurso a meios auxiliares, para fazer chegar aos alunos uma habilidade, podendo este recurso ser feito através de vídeos ou de imagens. A utilização deste tipo de estratégias poderá ser benéfica para os alunos que aprendam mais facilmente de uma forma visual. Poder-se-á fazer recurso a este tipo de estratégia quando o professor sabe que não demonstra uma habilidade de forma correta, sabendo que não tem na turma nenhum aluno que o possa fazer no seu lugar.

Como percebemos, as demonstrações podem acontecer de várias formas, em vários momentos e dependem muito das circunstâncias em que os alunos se encontram, como a aula está a decorrer e das limitações de professores e alunos. Mas para podermos falar em demonstrações é essencial referir a utilização da instrução que deverá estar sempre presente paralelamente à demonstração, seja ela feita antes, durante ou depois da demonstração.

3. Objetivos do estudo

Ao realizar um questionário aos alunos dos diferentes ciclos de ensino (1.º, 2.º, 3.º e Secundário), do Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente, pretende-se perceber o impacto que tem a demonstração efetuada pelo professor e/ou colegas no processo de ensino-aprendizagem nos alunos deste agrupamento. Procurámos também saber em que moldes essa demonstração é executada e se a mesma é ajustada para os alunos. O estudo do tema selecionado incide sobre a intervenção pedagógica específica e parte do seguinte problema: qual será o impacto percebido da demonstração na aprendizagem dos alunos proficientes e de alunos não proficientes em Educação Física?

Este estudo foi elaborado tendo em conta a faixa etária a que se destina, com a finalidade de conhecer a realidade educativa quanto à existência ou não das demonstrações no processo ensino-aprendizagem, às preferências e opções dos alunos.

O estudo deste problema tem como principais objetivos: a) perceber qual a opinião dos alunos mais e menos proficientes em relação à disciplina de Educação Física; b) perceber quais as experiências vivenciadas pelos alunos nas aulas de Educação Física; c) identificar o modo de demonstração associada pelos alunos a uma melhor aprendizagem.

4. Metodologia

Com a finalidade de dar cumprimentos aos objetivos definidos, foi realizado um plano de investigação, onde foi aplicado um questionário que era composto por três grandes grupos, sendo eles:

- Grupo I – Opinião sobre a disciplina de Educação Física;
- Grupo II – As demonstrações nas tuas aulas de Educação Física;
- Grupo III – Como aprendo melhor.

Antes de chegar ao questionário final que foi aplicado ao 3º Ciclo, realizámos uma primeira versão do questionário, que foi revisto pelo orientador de estágio da FCDEF-UC, sendo aplicadas uma série de correções e adaptado ao ciclo de ensino em cima citado. Feitas as devidas alterações, apresentámos uma segunda versão do questionário ao orientador, assim como à direção do Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente, tendo sido aplicado um pré-teste a um determinado grupo de alunos. Através do pré-teste encontrámos aspetos que deveriam ser corrigidos, e de seguida, procurámos simplificar o mais possível e reduzir o número de questões de forma a motivar os inquiridos. Procurámos recorrer a atitudes que fossem bastante frequentes e estivessem presentes na memória dos alunos. Na elaboração dos inquéritos procurámos utilizar uma linguagem adequada aos níveis de ensino a que se destinavam. Ao elaborarmos as questões procurámos ser sintéticos, sistemáticos e que as perguntas fossem de fácil compreensão e resposta.

Depois de aplicadas as devidas alterações nas diversas versões do questionário e dado o aval por parte do orientador e da direção, começámos a proceder à recolha dos dados para tal. Numa primeira fase tivemos que realizar a recolha dos dados acerca dos alunos a inquirir. Para realizar essa mesma escolha ficou definido que iriam ser aplicados quatro questionários a cada turma dos diversos ciclos de ensino e respetivos anos que esses mesmos ciclos abrangem. Dos quatro alunos selecionados ficou definido que dois seriam do género masculino e dois do género feminino, onde, dentro de cada género, era selecionado o(a) aluno(a) mais e menos proficiente. Para que fosse possível colocar em prática este método, no 3º Ciclo, tivemos que recorrer às pautas de avaliação do 1º Período, de todas as turmas do ciclo de ensino em causa, na disciplina de Educação Física, documentos estes que foram fornecidos pela direção da escola. Em caso de existirem turmas que apresentassem alunos com a mesma classificação, o critério de seleção do aluno a inquirir foi o seguinte: o aluno mais novo no que diz respeito ao aluno(a) mais proficiente, sendo que para o aluno(a) menos proficiente selecionamos os alunos mais velhos.

Numa segunda fase dirigimo-nos a cada uma das turmas para entregar as autorizações e respetivos questionários, para que os Encarregados de Educação dos alunos em causa tivessem conhecimento de que os seus educandos iriam participar no estudo. Depois de recebida a autorização os alunos realizaram o preenchimento dos questionários, devendo estes posteriormente ser entregues ao

Núcleo de Estágio ou no gabinete de Educação Física. Cada questionário continha uma identificação apenas para conhecimento do investigador com a seguinte informação:

- Ciclo de ensino – 3º Ciclo;
- Ano de ensino – 9º, 8º ou 7º;
- Género e “nível” de proficiência – M+, M-, F+ ou F-.

Após recolhidos todos os dados, passámos para a última fase deste estudo, que se cingiu à recolha e respetivo tratamento de dados, onde através de uma folha de cálculo *Excel* foram colocados todos os dados obtidos e tratados através de gráficos e tabelas gerados por essa mesma base de dados, realizando posteriormente a análise dos dados obtidos. Para que o rácio de alunos inquiridos fosse semelhante em todos os ciclos de ensino (entre 15 e 20%), e tendo em conta o número total de alunos do 3º Ciclo, foram efetuados 112 inquéritos. Destes, apenas responderam 69 alunos, o que constituiu um rácio de 10%.

5. Amostra

A população alvo do nosso estudo é constituída pelos alunos do 3º Ciclo do Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente, da Escola Secundária Eng.º Acácio Calazans Duarte. Como já foi referido para a seleção dos alunos a inquirir optamos pela seguinte estratégia: recorrer às pautas de avaliação do 1º Período, de todas as turmas do ciclo de ensino em causa, na disciplina de Educação Física, para que pudéssemos selecionar quatro alunos. Ficou definido que dois seriam do género masculino e dois do género feminino, onde dentro de cada género era selecionado o(a) aluno(a) mais e menos proficiente.

Realizado um levantamento de dados relativamente à população escolar do Agrupamento de Escolas Marinha Grande Poente, obtivemos os seguintes dados (Tabela 6 e 7):

Nível de Ensino	Ano de Escolaridade				Total de Turmas	Total de Alunos	Alunos Inquiridos	Rácio	
	1ª	2ª	3ª	4ª					
1º Ciclo	145	128	119	133	17	525	68	13%	3º e 4º
					27	525	108	21%	2º, 3º e 4º
2º Ciclo	5º		6º		16	359	64	18%	
	178		181						
3º Ciclo	7º	8º	9º		28	648	69	10%	
	190	232	226						
Secundário	10	11º	12º		46	960	164	17%	
	335	317	308						

Tabela 6 – População do AEMGP

Aluno	Ano de escolaridade			Total de Alunos
	7. ^o	8. ^o	9. ^o	
M+	6	6	8	69
M-	2	5	6	
F+	5	4	8	
F-	7	6	6	

Tabela 7 – Amostra 3^oCiclo

Para melhor compreender as siglas utilizadas, apresentamos a seguinte tabela (tabela 8):

Aluno	Legenda
M+	Aluno do sexo masculino com melhor nota
M-	Aluno do sexo masculino com pior nota
F+	Aluno do sexo feminino com melhor nota
F-	Aluno do sexo feminino com pior nota

Tabela 8 – Legenda de Siglas

Para que a percentagem de alunos inquiridos fosse semelhante em todos os ciclos de ensino (entre 15 e 21%), e tendo em conta o número total de alunos do 3^o Ciclo, foram efetuados 112 inquéritos, no entanto só foram entregues 69 questionários reduzindo assim o rácio da amostra (10%). Logo, a população em estudo é constituída por 648 alunos do 7.^o, 8.^o e 9.^o ano de escolaridade. Ao serem aplicados 69 inquéritos, obtém-se uma amostra que corresponde a aproximadamente 10% da população. Utilizámos uma amostra intencional, tendo a nossa investigação incidido sobre os alunos do 3^o Ciclo.

5.1. Caraterização da Amostra

No questionário elaborado (Consultar Anexo 10 – Inquérito do Tema-Problema para alunos do 3^oCiclo) houve a preocupação de efetuar um preenchimento prévio, no canto superior direito, de uma instrução tendo em conta o ciclo de ensino, o ano de escolaridade, o género e nível de proficiência à disciplina de Educação Física, como forma de compreender quem está a responder ao questionário. Nesta primeira secção iniciar-se-á uma caracterização da amostra recolhida através da realização do questionário.

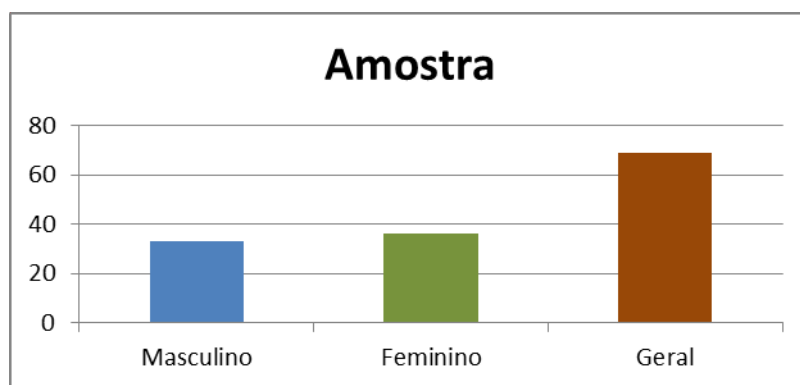


Gráfico 2 - Caracterização da Amostra

Relativamente ao género, foram inquiridos 33 rapazes (47,8%) e 36 raparigas (52,2%) perfazendo um total de 69 inquiridos (Gráfico 2).

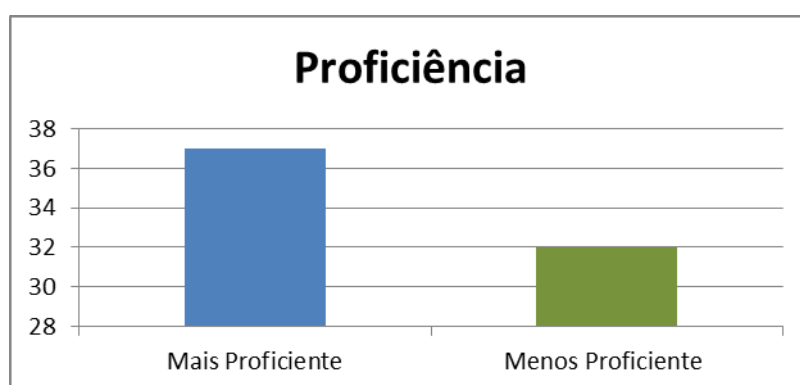


Gráfico 3 - Distribuição dos alunos por nível de proficiência

Para que seja compreendido um dos objetivos propostos para este estudo, onde se pretende perceber se existem diferenças entre as preferências dos alunos com melhor e menor prestação à disciplina de Educação Física, inquiriram-se 37 alunos com melhor desempenho (53,6%) e 32 com pior desempenho (45,4%) (Gráfico 3).

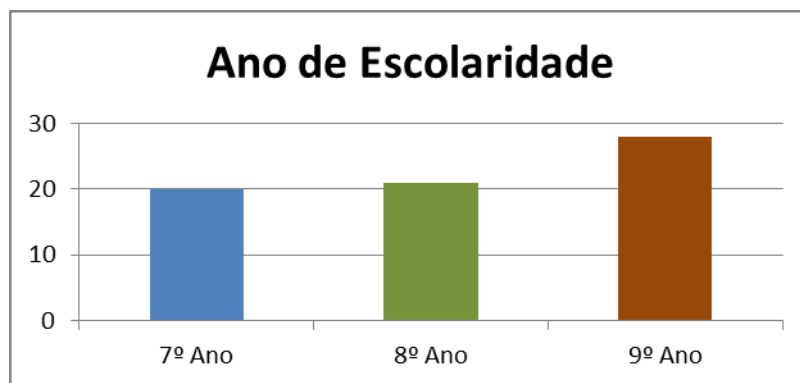


Gráfico 4 - Distribuição da amostra por anos de escolaridade

No que diz respeito à escolaridade dos alunos inquiridos pode-se verificar que para o 7.º ano de escolaridade foram aplicados 20 inquéritos (29%), no 8º ano 21 inquéritos (30%) e no 9º ano de escolaridade foram aplicados 28 inquéritos (41%). Esta diferença de alunos inquiridos em cada ano de escolaridade, dá-se pelo fato de cada ano ter um número diferente de turmas, influenciando assim o número total de alunos a inquirir em cada ano (Gráfico 4).

6. Tratamento de dados

Para o tratamento de dados foi criada uma base de dados em ficheiro Excel, para que fosse possível gerar gráficos e tabelas para a melhor interpretação dos resultados adquiridos. Depois de introduzidos os dados, realizámos uma análise descritiva para cada uma das questões que compõem o questionário. O tratamento de dados irá conduzir às conclusões sobre o tema proposto e proporcionará uma discussão sobre o mesmo.

7. Apresentação de resultados

Após a recolha de dados procedeu-se à edição dos mesmos. Foi verificada a legibilidade, a consistência e a exatidão dos dados. Após a construção da base de dados correspondente à amostra, os dados foram analisados e tratados. O tratamento de dados irá conduzir às conclusões sobre o tema proposto e proporcionará uma discussão sobre o mesmo.

7.1. Opinião sobre a disciplina de Educação Física

Em relação ao gosto pela disciplina de EF os dados apresentam a seguinte distribuição:

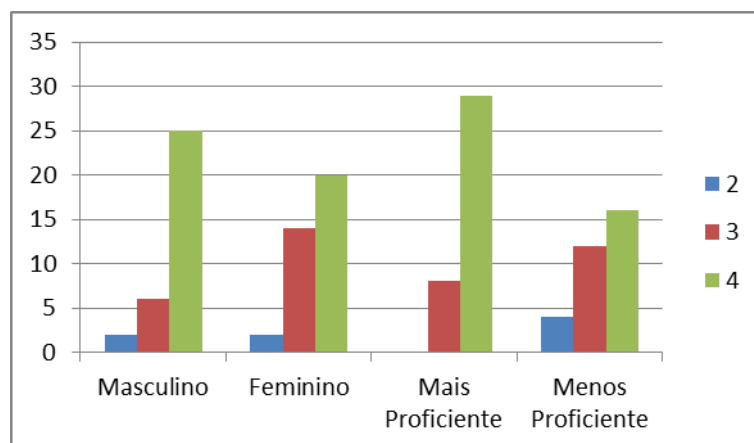


Gráfico 5 – Gosto pela disciplina de EF

No que diz respeito ao gosto pela disciplina de Educação Física, é de referir que 45 alunos inquiridos gostam muitíssimo da disciplina, 20 gostam muito e os restantes 4 gostam pouco de EF, isto em relação ao género. Já em relação ao nível de proficiência os números são muito idênticos apresentando uma ligeira diferença nos alunos mais proficientes onde 29 gostam muitíssimo da disciplina de EF e os menos proficientes apenas 16 gostam muitíssimo. De salientar que todos os alunos com melhores rendimentos a Educação física gostam da disciplina.

Em relação à importância que é atribuída à disciplina de EF para a formação global como pessoa, os dados apresentam a seguinte distribuição:

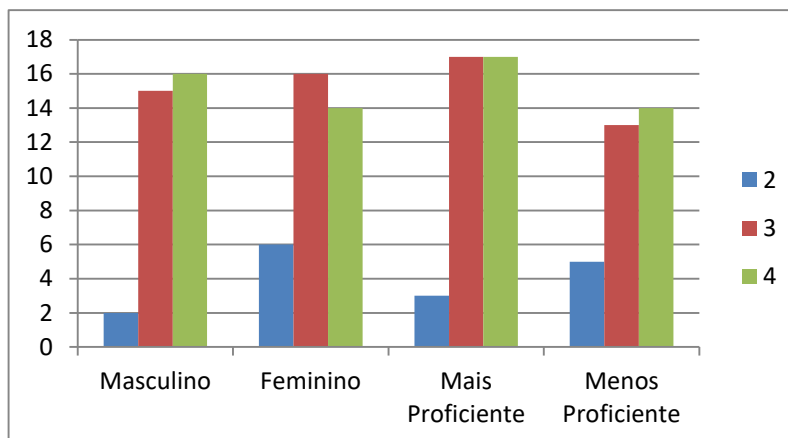


Gráfico 6 – Importância atribuída à EF

No que diz respeito à importância que os alunos dão à Educação Física como uma disciplina que ajuda na formação global da pessoa, podemos verificar que todas as respostas, independente do gênero e dos níveis de proficiência, foram muito idênticas. Através do gráfico 6, podemos constatar que 59 alunos responderam (4 – muitíssimo) e (3 – muito), e apenas um pequeno grupo de alunos recusam dar importância à disciplina de Educação Física como uma disciplina que ajuda na formação global da pessoa.

Relativamente ao grau de empenho/prestação à disciplina de EF, os dados apresentam a seguinte distribuição:

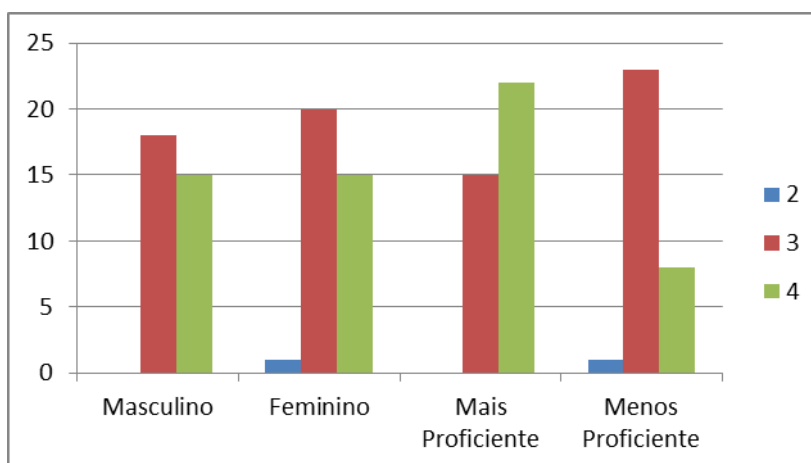


Gráfico 7 – Autoavaliação a EF

Ao analisar as respostas dadas pelo género, constatámos que 30 alunos responderam o nível 4 (muitíssimo), 38 são atribuídas ao nível 3 (muito) e apenas 1 ao nível 2 (pouco). Podemos concluir, segundo o género, que os alunos consideram que se empenham à disciplina de EF.

Considerando agora o nível de proficiência, podemos constatar que os mais proficientes apresentam um equilíbrio entre as respostas 3 e 4, com 15 e 22 respostas respetivamente, enquanto nos menos proficientes a resposta que mais se destaca é o nível 3 com 23 respostas.

Curiosamente, apenas quem respondeu que se empenhava pouco a EF foi uma aluna com pouco aproveitamento a EF.

7.2. Tipos de demonstrações experienciadas pelos alunos nas aulas de Educação Física

De seguida apresentamos os dados referentes aos tipos de demonstração que os professores utilizam nas aulas de EF, relativamente ao modelo, composição, direção e momento.

7.2.1. Modelo

Das tabelas a seguir mencionadas, considere-se a seguinte legenda:

- DI – Desportos Individuais;
- DC – Desportos Coletivos

	1.1. Pelo professor								1.2. Pelo aluno com mais jeito								1.3. Pelo aluno com menos jeito							
	1		2		3		4		1		2		3		4		1		2		3		4	
	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC
Género																								
(M)	0	2	2	3	7	9	24	19	6	5	6	3	14	17	7	8	20	19	6	6	4	6	3	2
(F)	0	0	3	3	14	16	19	17	4	6	8	10	19	14	5	6	20	20	10	9	5	4	1	2
Proficiência																								
(+)	0	2	3	4	10	11	24	20	6	8	7	6	16	16	8	7	23	24	9	8	3	4	2	1
(-)	0	0	2	2	11	14	19	16	4	3	7	7	17	15	4	7	17	16	7	7	6	6	2	3

Tabela 9 – Relação do modelo da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos

Como podemos verificar na tabela 9, a resposta que obteve mais aprovação foi a utilização do professor como modelo da demonstração, seguindo-se o aluno com mais proficiência e rejeitando-se completamente o aluno com menos proficiência. Podemos também concluir que tanto para os desportos individuais como para os coletivos as conclusões são idênticas.

7.2.2. Composição

	1.4. Antes da Explicação Oral								1.5. Depois da Explicação Oral							
	1		2		3		4		1		2		3		4	
	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC
Género																
(M)	15	15	7	7	5	4	6	7	3	3	2	2	4	5	24	23
(F)	21	21	7	8	6	4	2	3	0	2	1	1	8	9	27	24
Proficiência																
(+)	23	23	6	7	6	5	2	2	0	0	2	2	7	9	28	26
(-)	13	13	8	8	5	3	6	8	3	5	1	1	5	5	23	21

Tabela 10 – Relação da composição da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos

Em relação à composição da demonstração, podemos ler na tabela 12 que independente do género, do nível de proficiência e do tipo de desporto (coletivo ou individual), os alunos responderam que os seus professores raramente utilizam a demonstração antes da explicação dos exercícios mas sim quase sempre depois da explicação.

7.2.3. Direção

	1.6. Para toda a turma								1.7. Para um grupo dentro da turma								1.8. Para um aluno (eu)							
	1		2		3		4		1		2		3		4		1		2		3		4	
	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC
Género																								
(M)	1	1	2	0	2	2	28	30	15	14	8	8	9	10	1	1	19	20	5	5	8	6	1	2
(F)	0	0	1	1	2	2	33	33	13	12	10	10	10	11	3	3	23	24	3	3	10	8	0	1
Proficiência																								
(+)	0	0	2	1	0	3	35	33	11	10	14	14	10	12	2	1	22	23	5	5	9	8	1	1
(-)	1	1	1	0	4	1	26	30	15	14	6	6	9	9	2	3	20	21	3	3	9	6	0	2

Tabela 11 – Relação da direção da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos

Segundo a tabela 11, a maioria dos professores direciona a demonstração para toda a turma e raramente utiliza a demonstração apenas para um aluno. Já a demonstração para um grupo dentro da turma não gera uma resposta concreta havendo um conjunto de respostas muito equilibradas, opções 1, 2 e 3, no entanto a opção 4 (muitíssimo) raramente é selecionada, o que nos diz que esta demonstração é pouco utilizada.

7.2.4. Momento

	1.9. Antes do exercício								1.10. Durante o exercício								1.11. No fim do exercício							
	1		2		3		4		1		2		3		4		1		2		3		4	
	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC
Género																								
(M)	2	2	1	1	1	2	29	28	5	5	4	4	16	18	8	6	21	22	6	6	4	4	2	1
(F)	0	0	2	2	5	6	29	28	8	7	6	5	14	17	8	7	21	20	11	12	1	1	3	3
Proficiência																								
(+)	0	0	2	2	2	4	33	31	7	7	5	4	16	19	9	7	22	23	11	10	2	2	2	2
(-)	2	2	1	1	4	4	25	25	6	5	5	5	14	16	7	6	20	19	6	8	3	3	3	2

Tabela 12 – Relação do momento da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos

No que diz respeito ao momento da demonstração, podemos observar na tabela 12 que os professores o utilizam, na maioria das vezes, antes de realizar o exercício. Existe também um conjunto de respostas consideráveis que nos diz que os professores também costumam utilizar a demonstração durante os exercícios. Em relação à demonstração no final do exercício, é raro o professor que escolhe esse método. As respostas são praticamente comuns em relação aos desportos individuais e coletivos.

7.3. Preferência dos alunos relativamente às demonstrações nas aulas de EF

No ponto seguinte, apresentamos os dados referentes às preferências dos alunos em relação ao modelo, composição, direção e momento da demonstração.

7.3.1. Modelo

	2.1. Pelo professor								2.2. Pelo aluno com mais jeito								2.3. Pelo aluno com menos jeito							
	1		2		3		4		1		2		3		4		1		2		3		4	
	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC
Género																								
(M)	1	2	0	1	3	7	29	23	6	6	1	1	27	14	9	12	22	19	4	4	5	8	2	2
(F)	0	1	0	0	8	8	28	27	7	6	5	7	15	13	9	10	24	23	7	8	3	3	2	2
Proficiência																								
(+)	1	2	0	1	6	6	30	28	9	8	2	2	10	11	16	16	28	25	4	6	2	3	3	3
(-)	0	1	0	0	5	9	27	22	4	4	4	6	20	15	4	7	18	17	7	6	6	8	1	1

Tabela 13 – Relação do modelo da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos

Segundo os resultados obtidos na tabela 13, podemos afirmar que a preferência dos alunos em relação ao modelo a utilizar é o professor. O aluno com mais proficiência também é escolhido pelos alunos para realizar a demonstração dos exercícios, enquanto o aluno com menos aptidão é completamente rejeitado para o fazer. Mais uma vez, as respostas continuam muito próximas tanto nos desportos coletivos como nos individuais.

7.3.2. Composição

	2.4. Antes da Explicação Oral								2.5. Depois da Explicação Oral							
	1		2		3		4		1		2		3		4	
	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC
Género																
(M)	19	19	2	3	4	4	8	7	4	4	3	1	1	3	25	25
(F)	17	18	6	7	7	5	6	6	2	2	5	4	2	1	27	29
Proficiência																
(+)	20	21	3	4	6	5	8	7	4	4	4	2	0	1	29	30
(-)	16	16	5	6	5	4	6	6	2	2	4	3	3	3	23	24

Tabela 14 – Relação da composição da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos

No que diz respeito à composição da demonstração preferida pelos alunos, segundo a tabela 14, podemos afirmar que a eleita é claramente a demonstração depois da explicação oral, no entanto ainda existem algumas respostas que nos dizem que existem alunos, ainda que poucos, que preferiam a demonstração antes

da explicação. Continua-se a verificar pouca diferença entre os desportos coletivos e individuais.

7.3.3. Direção

	2.6. Para toda a turma								2.7. Para um grupo dentro da turma								2.8. Para um aluno (eu)							
	1		2		3		4		1		2		3		4		1		2		3		4	
	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC
Género																								
(M)	0	0	1	0	3	4	29	29	12	13	5	6	13	9	3	5	13	13	9	9	4	7	7	4
(F)	1	1	1	1	4	2	30	32	8	7	9	7	14	16	5	6	18	19	5	7	7	6	6	4
Proficiência																								
(+)	1	1	0	0	3	3	33	33	8	7	7	6	16	17	6	7	16	17	8	10	6	5	7	5
(-)	0	0	2	1	4	3	26	28	12	12	7	7	11	9	2	4	15	15	6	6	5	8	6	3

Tabela 15 – Relação da direção da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos

A tabela 15 mostra-nos as preferências dos alunos em relação à direção da demonstração. É de consenso geral que a opção que satisfaz grande parte da amostra é a demonstração direcionada para a turma. Em relação à demonstração direcionada para um grupo dentro da turma verificamos que não há uma resposta que sobressaia perante as outras, mostrando aqui diferentes preferências. A demonstração apenas para um aluno raramente é escolhida, mesmo que os resultados mostrem que é uma opção a ser considerada sobretudo nos desportos individuais.

7.3.4. Momento

	2.9. Antes do exercício								2.10. Durante o exercício								2.11. No fim do exercício							
	1		2		3		4		1		2		3		4		1		2		3		4	
	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC	DI	DC
Género																								
(M)	1	1	3	3	2	2	27	27	7	7	4	3	13	14	9	9	22	24	6	6	4	2	1	1
(F)	1	1	0	0	3	2	32	33	5	5	6	6	18	19	7	6	26	26	5	5	3	3	2	2
Proficiência																								
(+)	0	0	2	2	1	1	34	34	7	7	5	5	16	17	9	8	27	27	6	6	3	3	1	1
(-)	2	2	1	1	4	3	25	26	5	5	5	4	15	16	7	7	21	23	5	5	4	2	2	2

Tabela 16 – Relação do momento da demonstração entre género e nível de proficiência nos desportos individuais e coletivos

A tabela 16 apresenta-nos as preferências dos alunos em relação ao momento da demonstração. Claramente que a opção que gera mais concordância é a de realizar a demonstração antes do exercício. Existe também algum consenso em realizar as demonstrações durante o exercício, no entanto os alunos estão praticamente de acordo quando rejeitam a hipótese de realizar a demonstração no fim do exercício.

7.4. Forma de demonstração associada a uma melhor aprendizagem

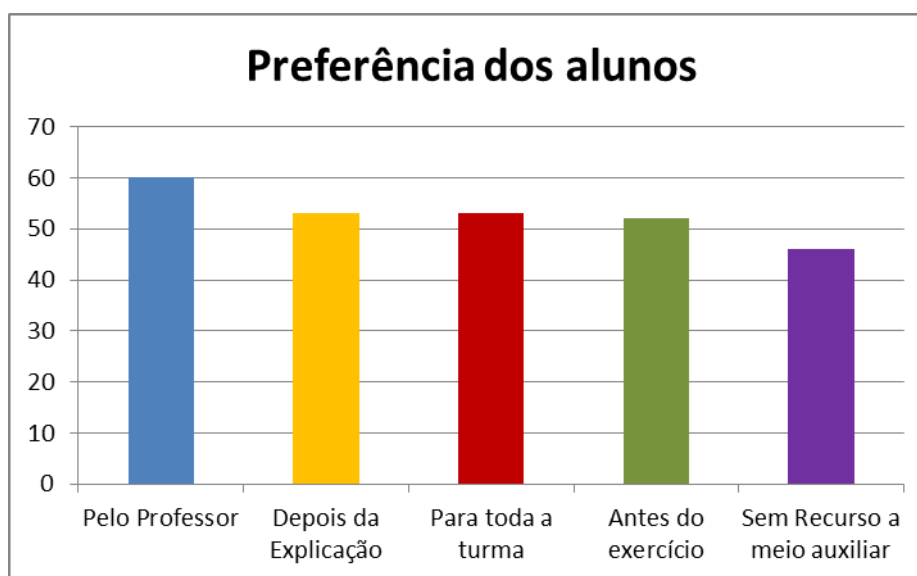


Gráfico 8 – Perfil ideal das demonstrações

Com este grupo pretendíamos traçar o perfil ideal de demonstrações de forma a perceber qual o método pelo qual os alunos aprendem melhor, uma vez que são eles o principal condutor do processo ensino-aprendizagem

Segundo o gráfico 8, o perfil ideal da demonstração escolhido pelos alunos é com o professor como modelo, com 60 respostas. Em relação à composição, os alunos optam pela demonstração feita depois da explicação, com 53 respostas dadas e direcionada para a turma, apresentando também 53 respostas. Em relação ao momento, os alunos elegem realizar a demonstração antes do exercício, apresentando 51 respostas, e 48 alunos recusam o recurso a meios auxiliares.

8. Discussão de resultados

Podemos verificar que a maioria da amostra apresenta gosto pela disciplina de Educação Física, independentemente do gênero ou do aproveitamento na mesma.

De uma forma geral também podemos afirmar que a maioria dos alunos inquiridos, atribui valor à disciplina de Educação Física no que diz respeito à sua influência como formação global da pessoa, quer sejam eles raparigas, rapazes, alunos com níveis mais proficientes ou alunos com níveis menos proficientes. No entanto, quando abordamos a questão da autoavaliação, verificamos que todos os alunos, à exceção de uma aluna, se reconhecem como um aluno empenhado e participativo nesta disciplina. Ao contrário do que seria expectável, independente do aproveitamento dos alunos, podemos concluir que os alunos se consideram alunos empenhados e participativos durante as aulas. Aqui podemos retirar várias conclusões: o aluno pode ter dado respostas que considerasse mais aceitáveis e não exatamente as que indicassem as suas reais preferências; o aluno não tem percepção da sua prestação nas aulas; o aluno é empenhado no entanto não consegue atingir melhores resultados devido à falta de capacidades.

Relativamente ao modelo da demonstração podemos afirmar que, tanto o método mais utilizado pelos professores, assim como o método preferencial dos alunos, é o professor. Em concordância, o aluno menos proficiente para realizar a demonstração surge como o método menos utilizado. No entanto, podemos ainda observar que os alunos também dão crédito à demonstração realizada pelo aluno mais proficiente.

No respeito à composição da demonstração, podemos verificar que o método mais utilizado pelos professores é a demonstração depois da explicação oral do exercício, indo ao encontro das preferências dos alunos, quer nos desportos coletivos, quer nos individuais.

Na direção da demonstração também podemos verificar concordância em relação às preferências dos alunos e ao método utilizado pelos professores. Há uma tendência clara para demonstrar sempre os exercícios para toda a turma, pouca tendência para demonstrar para um grupo dentro da turma e praticamente nenhuma tendência em realizar a demonstração apenas para um aluno. Ainda assim, os alunos não descartam totalmente a última opção nos desportos individuais.

Em relação ao momento, tanto a preferência dos alunos como as demonstrações experienciadas por eles nas suas aulas de EF apontam para uma demonstração antes do exercício. Alguns consideram que a demonstração seja feita também durante o exercício sendo raros os que admitem a demonstração no final do exercício.

No último grupo podemos verificar que o perfil da demonstração ideal para a aprendizagem do exercício vai ao encontro do que os professores aplicam nas aulas e às preferências dos alunos. Ou seja, a demonstração ideal será com o professor como modelo (87%), será realizada depois da explicação verbal (77%) e direcionada para a turma (77%). Para concluir, o momento da demonstração deverá ser realizado antes do exercício (75%) e sem recurso a meios auxiliares (67%).

9. Conclusão do tema-problema

Com este estudo pretende-se concluir se a demonstração dos exercícios nas aulas de Educação Física tem um impacto percebido na aprendizagem dos alunos, independentemente do género e do nível de proficiência.

Após a análise dos dados, podemos concluir que os resultados obtidos não apresentam diferenças relevantes entre os graus de proficiência dos alunos e sendo as respostas sempre muito idênticas quer no grupo do género, quer na modalidade escolhida (coletiva ou individual).

Ainda assim concluímos que os métodos aplicados pelos professores nas suas aulas são os preferidos dos alunos e eleitos como o perfil ideal de demonstração.

Tendo em conta os resultados obtidos com este estudo, poderá ser desenvolvido um trabalho futuro neste mesmo âmbito, pois seria pertinente realizar um estudo semelhante dirigido também aos professores de Educação Física do 3.º Ciclo, com o objetivo de perceber como eles aplicam as demonstrações e se vai realmente ao encontro das respostas dos alunos.

CONCLUSÃO

No final desta etapa, devemos afirmar que concluímos o Estágio Pedagógico com a certeza de que tudo fizemos para termos uma boa prestação.

Não foi fácil conseguir articular a nossa vida pessoal com a vida profissional, muitos sacrifícios tiveram de ser feitos, mas no geral, podemos concluir que valeu a pena todo o esforço e dedicação com que realizámos as nossas tarefas para concretizarmos um sonho.

Foi de facto uma experiência enriquecedora, da qual retirámos várias aprendizagens, sabendo melhor, neste momento, o que é ser professor. Através da ajuda dos professores orientadores e dos colegas de estágio, fomos desenvolvendo capacidades e conhecimentos, e tudo o que retirámos deste ano letivo serve como formação pessoal. Esperamos poder ter contribuído, de igual forma para a formação dos colegas.

Terminámos o ano com o sentido do dever cumprido, com a satisfação de quem realizou tudo o que era necessário para alcançar o sucesso, de forma determinada e com a certeza de que ganhámos muito mais do que perdemos. Deixamos para trás uma experiência inesquecível, onde tivemos o gosto de trabalhar com pessoas que, diariamente se disponibilizaram para nos ajudar a construir uma perspetiva sobre o ensino muito mais adequada à realidade do que aquela que tínhamos no início.

Estamos agora preparados para enfrentar os desafios da vida profissional, no entanto, temos perfeita noção que não se avizinham tempos fáceis. Assim, depois de tudo o que trabalhamos para concretizar este objetivo, estamos longe de desistir de cumprir aquilo a que nos propusemos, estando preparados para fazer o que for necessário e contribuir, da melhor forma possível, para a melhoria do sistema de ensino.

Este relatório será certamente uma ferramenta útil no futuro, na perspetiva em que nele está marcado o nosso primeiro contacto com a função docente, e sempre que necessitarmos, teremos aqui um recurso baseado no trabalho que foi desenvolvido ao longo deste ano.

Referências Bibliográficas

Aranha, A. (2007). Observação de aulas de Educação Física. Sistematização da observação – sistemas de observação de registo. Vila Real: UTAD;

Bento, J. (1987). Planeamento e avaliação em Educação Física. Coleção Horizonte de Cultura Física. Livros Horizonte. Lisboa

Bento, O. (1998). Planeamento e Avaliação em Educação Física. Livros Horizonte, Lisboa.

Bloom, B. (1979). *Os objetivos em educação: será possível defini-los com precisão?* Exemplificação dos modelos de Bloom e de Guilford. UC FCDEF Coimbra: Almedina.

Caetano, S. & Silva, M. (2009). Ética Profissional e Formação de Professores. *Revista de Ciências de Educação, 08*, pp. 49-60.

Cardinet, J. (1983) *Os instrumentos de avaliação para cada função*. Institut Romand pesquisa e documentação educacional, Neuchâtel, Suíça.

Claro, S, Filgueiras, I. (2009). Dificuldades de Gestão de Aula de Professores de Educação Física em Início de Carreira na Escola. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. Brasil: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Despacho Normativo n.º 1-F/2016, de 5 de abril. Ministério da Educação. Lisboa.

Feltz, D. 1982. The effect of age and number of demonstrations on modeling of form and performance. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, v.53, n.4, p.292-6;

FREIRE, Paulo. HORTON, Myles. O caminho se faz caminhando. 2 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003^a.

Gaspar, P. (2008). *Indisciplina escolar na actualidade*. SBS – livraria internacional.

Guia de Estágio Pedagógico. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (2015/2016).

Haydt, R. (2002). *Avaliação do processo ensino-aprendizagem*. São Paulo: Ática.

Hebrard, A (1974). Les limites de lá demonstration, Annales de IENSEPS, (5) Jun, Paris;

Mercado, Luís Paulo Leopoldo. (1999) *Formação continuada de professores e novas tecnologias*. Maceió: EDUFAL. Siedentop, D. (1998). *Aprender a ensinar la educación física*. Barcelona: INDE.

Nobre, P. (2010). *Apontamentos da Disciplina de Estudos Avançados em Desenvolvimento Curricular do Mestrado do Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário do ano letivo 2010-2011*. FCDEF: Coimbra.

Ribeiro, E. (2013), *Material de apoio da Unidade Curricular de Didática da Educação Física e Desporto Escolar*, FCDEF-UC, Coimbra;

Ribeiro, L. (1999). *Tipos de Avaliação. Avaliação da Aprendizagem*. Texto Editora, pp. 75-92, Lisboa, Portugal.

Sarmiento, P. (1992). A demonstração como processo de auto-observação. In Pedro Sarmiento et al, *Pedagogia do Desporto: Estudos 1* (pp.18-26). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana;

Simões, c. (1996). *O desenvolvimento do professor e a construção do conhecimento pedagógico*. Aveiro: Fundação João Jacinto de Magalhães.

Sousa, J. (1991). Pressupostos, Princípios e Elementos de um Modelo de Planeamento em Educação Física. Dossier, *Revista Horizonte*, Vol. VIII, p.46.

Tonello, M.G.M. & Pellegrini, A.M. (1998) *Rev. paul. Educ. Fís.*, São Paulo, 12(2): 107-14, jul./dez. 1998.

ANEXOS

Anexo 1. Caracterização da turma

Anexo 2. Roulement

Anexo 3. Exemplo de Quadro de Extensão e Sequenciação de Conteúdos

Anexo 4. Plano de Aula

Anexo 5. Grelha de Observação de Aula

Anexo 6. Exemplo de Grelha de Avaliação Diagnóstica

Anexo 7. Grelha de Avaliação Formativa

Anexo 8. Exemplo de Grelha de Avaliação Sumativa

Anexo 9. Modelo de Grelha de Autoavaliação

Anexo 10. Inquérito do Tema-Problema aos alunos do 3º Ciclo

Anexo 11. Certificado do Ciclo de Conferências de Didática da Educação Física

“A Ginástica como matéria de ensino”;

Anexo 12. Certificado do Ciclo de Conferências de Didática da Educação Física

“O Badmínton como matéria de ensino”;

Anexo 13. Certificado do Ciclo de Conferências de Didática da Educação Física

“A Dança como matéria de ensino”;

Anexo 14. Certificado de apresentação – V Fórum Internacional das Ciências da

Educação Física com o tema: *Matabol – Uma nova abordagem aos Desportos Coletivos*

Anexo 1 - Caraterização da turma

DADOS PESSOAIS
Nome: _____
Ano: _____ Turma: _____ Nº: _____ Data de Nascimento: ___/___/___ Idade: _____
Nacionalidade: _____
Morada: _____
Telef: _____ Telemóvel: _____
E-mail: _____
Distância casa/escola: _____ (Km) Tempo gasto na deslocação: _____ (min)
Meio de transporte que utilizas com mais frequência? _____

SAÚDE
Tens algum problema de saúde: _____ Se sim, qual (ou quais): _____
Algum destes problemas dificulta ou impede a prática de atividade física? _____
Já tiveste alguma doença grave: _____ Se sim, qual (ou quais): _____
Costumas adoecer frequentemente? _____
Com que frequência vais ao médico? _____

DADOS ESCOLARES

Gostas de frequentar a escola? _____

Já reprovaste: _____ Se sim, quantas vezes: _____ Em que anos: _____

Quais os motivos:

Doença Excesso de Faltas Mudança de Escola

Mau Aproveitamento Escolar Outros Quais: _____

Qual a tua frequência de estudo:

Diariamente Semanalmente Em vésperas de testes Nunca

Quais as habilitações literárias que pretendes atingir:

Escolaridade obrigatória 12º Ano Curso Superior

Curso Profissional

Tiveste Educação Física no 1º ciclo? _____ Se sim, quantos anos? _____

Qual a classificação final obtida na disciplina de Educação Física no ano anterior? _____

Assinala com um **X** na resposta que melhor caracteriza o seu nível de satisfação:

Modalidades	Não Gosto	Gosto Pouco	Gosto	Gosto Muito	Nunca Pratiquei
Basquetebol					
Andebol					
Futsal					
Voleibol					
Rugby					
Ténis					
Badminton					
Atletismo					
Ginástica					
Dança					
Desportos Combate					
Escalada					

Das modalidades mencionadas anteriormente, em quais sentes mais dificuldades? _____

Gostas mais de Desportos coletivos ou individuais? _____

DADOS DESPORTIVOS

Já praticaste alguma modalidade desportiva federada? _____

Se sim, qual (ou quais)? _____ Quantos anos? _____

Atualmente, praticas alguma modalidade? _____

Se sim, qual (ou quais)? _____

Com que frequência praticas semanalmente? _____

Gostarias de frequentar algum núcleo de desporto escolar? _____

Se sim, qual (ou quais)? _____

Gostarias de praticar algum desporto que ainda não tenhas praticado? _____

Se sim, qual (ou quais)? _____

Obrigado pela vossa colaboração!!!



Anexo 2 - Roulement

2015 / 2016																				
Distribuição (1) dos Espaços de Aula de Educação Física																				
	2ª Feira				3ª Feira				4ª Feira				5ª Feira				6ª Feira			
	Gin	Exter	Poliv	Relv	Gin	Exter	Poliv	Relv	Gin	Exter	Poliv	Relv	Gin	Exter	Poliv	Relv	Gin	Exter	Poliv	Relv
08:30	11E	10D	12M	11C	11A	12G	11H	11J	10E	12H	12F	11C	11B	10F	11H	10B	10GI	12A	12C	12B
	SD	SR	?	PT	RV	SD	?	PT	SR	SD	?	PT	AS	CS	?	EF	NE	SD	PT	RV
09:15	11E	10D	12M	11C	11A	12G	11H	11J	10E	12H	12F	11C	11B	10F	11H	10B	10GI	12A	12C	12B
	SD	SR	?	PT	RV	SD	?	PT	SR	SD	?	PT	AS	CS	?	EF	NE	SD	PT	RV
10:15	9E	12A	11G	10A	12JL	10H	12C	9A	11E			9B	9E		12I	12B	11D	12H	12F	9H
	CS	SD	PT	EF	?	CS	PT	EF	SD			EF	CS		?	RV	RV	SD	?	NE
11:00	9G	12A	11G	10A	12JL	10H	12C	9A	11E		9C	9B	9E	VacB1A	12I	12B	11D	12H	12C	9H
	NE	SD	PT	EF	?	CS	PT	EF	SD		CS	EF	CS	SC	?	RV	RV	SD	?	NE
11:55	12E		12D	10B	12E	10D	11F	10A	10C	12G	9D		10GI	10JL	9D	9B	11A	11LM	11F	11N
	SD		?	EF	SD	SR	PT	EF	SR	SD	CS		NE	SR	CS	EF	RV	SG	PT	?
12:40	12E	VacB1B	12D	10B	12E	10D	11F	10A	10C	12G		9A	10GI	10JL	9D		11A	11LM	11F	11N
	SD	NE	?	EF	SD	SR	PT	EF	SR	SD		EF	NE	SR	CS		RV	SG	PT	?
13:30																				
14:15																				
15:10	10C	10F		9F	11D	VacB1A	9C	9H					10E	VacB1B	12D		9G			
	SR	CS		NE	RV	SG	CS	NE					SR	NE	?		NE			
15:55	10C	10F		9F	11D	VacB1A	9C	9F					10E	VacB1B	12D		9G			
	SR	CS		NE	RV	SG	CS	NE					SR	NE	?		NE			
16:50	11B	10H	VacS2AB	VacB2A	VacS1AB	VacS2CD	11G	VacB2A					10MN	10O		VacB2A		10P		
	AS	CS	RV	NE	RV	SG	PT	NE					SR	SG		NE		SG		
17:35	11B	10H	VacS2AB	VacB2A	VacS1AB	VacS2CD	11G	VacB2A					10MN	10O				10P		
	AS	CS	RV	NE	RV	SG	PT	NE					SR	SG				SG		
Professores	RV - Rui Verdingola (EF 1)				?- (EF 7)				No 1º Período de 28 de Setembro a 23 de Outubro											
	EF - Ernesto Ferreira (EF 2)				SR - Sheila Roda (EF 8)															
	AS - António Santos (EF 3)				CS - Cláudio Sousa (EF 9)															
	PT - Paulo Tojeira (EF 4)				NE - Nuno Escudeiro (EF 10)															
	SD - Susana Domingues (EF 5)				SG - Sérgio G. Ramalho (EF 12)															

Anexo 3 - Exemplo de Quadro de Extensão e Sequenciação de Conteúdos

<u>DIA</u>	<u>AULA</u> <u>N^a</u>	<u>OBJECTIVOS DA AULA</u>	<u>FUNÇÃO</u> <u>DIDÁTICA</u>
16/02	1/2	Avaliar o nível de proficiência dos gestos técnicos de andebol em situação analítica e situação de jogo condicionado	Avaliação Diagnóstica
23/02	3/4	Introdução dos gestos técnicos de Passe de Peito e Picado, Recepção, Remate em Apoio e Suspensão, finta e drible. Situação de jogo condicionado.	Introdução
24/02	5	Exercitação dos gestos técnicos dos gestos técnicos de Passe de Peito e Picado, Recepção, Remate em Apoio e Suspensão, finta e drible. Introdução de situação de jogo.	Introdução/ Exercitação
01/03	6/7	Exercitação dos gestos técnicos do passe de ombro e picado, drible, remate de forma analítica e em situação de jogo condicionado. Introdução das situações de jogo em superioridade numérica 2x1 e 3x2.	Introdução/ Exercitação
02/03	8	Exercitação dos gestos técnicos do passe, recepção, finta, remate, movimentações ofensivas e defensivas em situação analítica e em situação de jogo condicionado.	Exercitação
07/03	9/10	Exercitação e Consolidação dos gestos técnicos do passe de ombro e picado, drible, finta e remate de forma analítica. Exercitação das movimentações ofensivas e defensivas em situações de jogo em superioridade numérica 3x2. Exercitação de Situação de jogo Condicionado.	Exercitação/ Consolidação
09/03	11	Consolidação dos gestos técnicos do passe, recepção, drible, finta, remate, movimentações ofensivas e defensivas de forma analítica e em situação de jogo.	Consolidação
15/03	12/13	Avaliação sumativa dos gestos técnicos do andebol em situação analítica e em situação de jogo. Situação de jogo.	Avaliação Sumativa

	Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4	Aula 5	Aula 6	Aula 7	Aula 8	Aula 9	Aula 10	Aula 11	Aula 12	Aula 13
Passes	AD	AD	I	I	E	E	E	E	E	C	C	AS	AS
Receção	AD	AD	I	I	E	E	E	E	E	C	C	AS	AS
Drible	AD	AD	I	I	E	E	E	E	E	C	C	AS	AS
Finta	AD	AD	I	I	E	E	E	E	E	C	C	AS	AS
Remate em Suspensão	AD	AD	I	I	E	E	E	E	E	C	C	AS	AS
Remate em Apoio	AD	AD	I	I	E	E	E	E	E	C	C	AS	AS
Movimentações Ofensivas	AD	AD	I	I	E	E	E	E	E	C	C	AS	AS
Movimentações Defensivas	AD	AD	I	I	E	E	E	E	E	C	C	AS	AS
Situação em Superioridade 2x1 e 3x2	-	-	-	-	-	-	I	-	E	E	-	AS	-
Situação de Jogo 5x5	AD	AD	-	-	I	E	E	E	E	E	-	AS	-
Situação de Jogo 6X6+GR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	E	C	AS	AS

Legenda:

- AD – Avaliação Diagnóstica
- AS – Avaliação Sumativa
- I – Introdução
- E – Exercitação
- C – Consolidação

Anexo 4 - Plano de Aula

Justificação do Plano de Aula			
Nome do Professor	Ano/Turma	Data	Nº de Aula
Luís Tasquinha	9ºC	28/10/2015	18
<p>Sendo uma aula de caráter avaliativo todos os exercícios foram pensados de forma ao professor obter uma melhor observação dos gestos técnicos a realizar. Na aula anterior apurei que os alunos desconhecem as regras básicas do basquetebol, portanto, o início desta e das próximas aulas, será aproveitado para ir introduzindo as regras básicas do basquetebol.</p> <p>Sendo uma aula de 45 minutos, utilizo a tarefa 1 para realizar uma ativação inicial recorrendo logo à exercitação e introdução de alguns gestos técnicos. Primeiramente, o exercício realiza-se de forma mais passiva pelo opositor defensivo dando ao aluno que se encontra com a posse de bola maior tempo de decisão para executar os objetivos do exercício, e conseqüentemente maior facilidade em assimilar as determinantes técnicas. Numa segunda variante é dado aos alunos poder de decisão sobre a situação de 1x1 uma vez que não há condicionantes. Aqui os alunos terão oportunidade de mostrar a sua criatividade e sentido de posicionamento defensivo. Estes exercícios vão de encontro às dificuldades apresentadas pelos alunos na última aula, pois não só demonstraram grandes dificuldades em perceber o processo defensivo do jogo assim como também verifiquei muitos erros na execução do lançamento em apoio e na postura do corpo durante o drible. Optei por trabalhar em situação analítica para o aluno se focar nos critérios de êxito do exercício e não estar preocupado com as restantes situações que são inerentes à situação de jogo.</p> <p>A tarefa 2 será planeada para dar continuidade à aula anterior no que respeita a recolha de dados para avaliação diagnóstica da UD pedindo também aos alunos para fazerem o transfere do que foi realizado anteriormente. Dou prioridade à observação e recolha de dados em situação jogo pois penso que a tomada de decisão dos alunos deve estar o mais próximo da realidade do jogo. Optei pela situação de 3x3 uma vez que os alunos ainda não se encontram preparados para realizar a situação de jogo de 5x5, ficando estes sujeitos a mais intervenções com bola e tomadas de decisão.</p> <p>Sendo um jogo com demasiadas regras, os alunos que se encontrarão de fora, terão a tarefa de ajuizar os jogos de forma a perceberem melhor as regras de jogo e a participar ativamente na aula</p>			

PLANO DE AULA	Mestrando	Luis Tasquinha	Período	1º	Aula n.º	18	Duração	45'	
	Data	28/10/2015	Ano/Turma	9ºC	N.º de Alunos Previstos	21	Aula n.º / Total	3 de 11	
	Local	Relvado		Hora	11h às 11h45	Unidade Didática	Basquetebol		
	Função Didática	Avaliação diagnóstica, Introdução e Exercitação.							
	Objetivos de Aula	Introdução e exercitação dos gestos técnicos em Basquetebol. Avaliação diagnóstica de jogo reduzido 3x3.							
Sumário	Introdução do lançamento em apoio e drible. Exercitação do passe de peito, passe picado e recepção em situação analítica. Avaliação diagnóstica em situação de jogo reduzido 3x3.								
Recursos Materiais	Apito; postes, tabelas, cestos e bolas de basquetebol; cones e coletes								

Tempo		Tarefas	Organização	Objetivos / Componentes Críticas / Critérios de Êxito	Estilos Ensino / Palavras-Chave / Estratégias	Avaliação
T	P					
Parte Inicial						
11h	5'	Entrada dos alunos para o início da aula.				
11h05	5'	- Transmissão de informações relativas à organização da aula, e transmissão dos objetivos da aula.	- Os alunos dispõem-se em meia-lua, o mais próximo possível uns dos outros.	- O aluno compreende os objetivos da aula e a organização da mesma.	EE: <u>Ensino por comando</u>	
11h10	15'	Tarefa 1: Ativação geral Introdução do drible e lançamento em apoio Exercitação do passe de peito, passe picado e recepção Exercitação 10' Explicação 4' Demonstração 1	- 1ª Variante - A turma é dividida em 4 grupos, ficando um grupo por cada tabela. - Cada grupo vai estar dividido por 3 cones, um numa zona central e os outros 2 numa zona mais exterior ao campo, todos juntos do meio campo; - A bola inicia sempre no cone central - Defesa passiva	O aluno A deve: - Passar ao aluno B, alternando o lado, respeitando as determinantes técnicas do passe de peito e passe picado; - Após o passe deve colocar-se entre o opositor (B) e cesto fazendo uma oposição passiva respeitando a posição de defesa base O aluno B deve respeitar as seguintes componentes críticas: - Fazer a recepção do passe do colega A respeitando as determinantes técnicas da recepção;	EE: - Ensino por tarefas PC: - Pulsos - Mão atrás da bola - centro de gravidade baixo	Lançamento em apoio - Colocação das mãos Drible - Centro de gravidade <u>baixo</u>



2ª Variante

- Situação de jogo 1x1 sem condicionantes

- De seguida deverá atacar o cesto através do drible;
- Ao se aproximar do seu opositor, deverá realizar algumas simulações passando depois para a posição de tripla ameaça;
- Deverá realizar o lançamento em apoio.

Os alunos devem realizar situação 1x1 respeitando as componentes aprendidas anteriormente.

Os alunos devem respeitar as seguintes determinantes técnicas:

Lançamento em apoio:

- Enquadrar com o cesto (olhar dirigido para o cesto);
- MÍ fletidos, com os pés à largura dos ombros, com o pé do lado da mão que lança ligeiramente avançado;
- *Pega da bola*: mão lançadora colocada por baixo da bola com os dedos afastados e a apontar para cima; a outra mão colocada ligeiramente ao lado e à frente;
- Cotovelo colocado por baixo da bola (braço e antebraço formam um ângulo de 90°);
- Lançamento da bola por cima e à frente da cabeça (ver o cesto por baixo da bola);
- A bola sai da mão quando o MS que a impulsiona atinge a extensão completa;
- Flexão completa do pulso e dos dedos (provocando um efeito de *back-spin* na bola);

				<p>- Extensão total do corpo (pés, pernas, tronco e MS).</p> <p>Drible: Contactar a bola com a mão aberta, com os dedos estendidos e afastados; - Batimento realizado através da flexão do pulso; - Tronco ligeiramente inclinado à frente; - Olhar dirigido para a frente; - Driblar a bola à frente (no sentido do deslocamento) e ao lado do pé; - Altura do ressalto da bola ao nível da cintura; - Driblar com a mão mais afastada do defensor.</p>		
Parte Fundamental						
11h25	15'	<p>Tarefa 2: Avaliação diagnóstica de situação de jogo 3x3</p>	<p>- Os alunos agrupam-se em triplas e dividem-se pelos campos; - Existem 3 campos e em cada campo existirá 2 equipas mais um aluno para ajuizar a partida; - 1 campo será a metade do campo de basquetebol; - Os jogos terão a duração de 4'; - A equipa de alunos que se encontrara ajuizar as partidas, após o final desse jogo deveram ser substituídos por outra equipa de alunos;</p>	<p>- Os alunos deveram saber cumprir as regras de jogo básicas assim como o objectivo do jogo, recorrendo às determinantes técnicas já adquiridas para o alcançar; - Os alunos deverão respeitar os adversários e cooperar com os seus colegas de equipa; - Os alunos deverão, após passar a bola ao colega, desmarcarem-se dando linha de passe;</p>	<p>EE: Ensino por tarefas;</p> <p>PC: Desmarcar Sem tocar</p>	<p>Passé de peito Passé picado Recepção Drible Lançamento em apoio Lançamento na passada</p>
Parte Final						
11h40	5'	- Saída para os balneários.	- Os alunos deslocam-se para os balneários para tomarem banho.			

Análise Reflexiva

Iniciei a aula relacionando o trabalho realizado na aula anterior de forma a enquadrar o contexto e poder situar os alunos no processo da aprendizagem. Como não terminei a avaliação na última aula devido ao tempo perdido nas instruções e conclui a avaliação diagnóstica nesta aula.

Essa recolha exigiu de mim uma constante movimentação pelo relva do de forma a avaliar os intervenientes. Tive algumas dificuldades em avaliar os gestos técnicos em situação de jogo nos alunos menos aptos pois eram raras as vezes que eles realizavam determinados gestos. No futuro, para avaliação de modalidades coletivas deverei ter isso em conta.

Verifiquei que esta turma é muito heterogénea no basquetebol, logo darei prioridade à separação dos alunos de forma a criar grupos homogéneos e assim proporcionar melhores condições de aprendizagem.

Penso que na vertente da gestão do tempo de aula este correu como eu previa sem nenhuma imprevisibilidade.

Em relação ao controlo da turma, e apesar da maior parte dos alunos serem esforçados, continuam as atitudes de mau comportamento, especialmente em relação ao barulho.

Anexo 5 - Grelha de Observação de Aula

Ficha de Observação									
Observador:	Luís Taveira			Observado:			Suzi Sousa		
Unidade Didática:	Ginástica Acrobática		N.º Aula UC:		3		Período:	3º	
Ano/Lurma:	10ºH	Data:	10/05/18	Hora:	10h15-11h45		Duração:	90	
Aula Nº:	102/110	N.º de alunos previstos:			27		Espaço:	Ginásio	
Função Didática:		Exercitação							
Dia:	Categoria:	Sub-Categorias:	1	2	3	4	5	6/6	Observações:
INSTRUÇÃO	Informação Inicial	Começa a aula no horário					X		
		Método económico de verificar as presenças					X		
		Coloca-se de forma adequada					X		
		Alinha no seu campo de visão					X		
		Comunicar informação sem consumir tempo da aula					X		
	Materiais/Gráficos	Defina objetivos/identifica conceitos					X		
		Relacionar o trabalho da aula com as aulas anteriores					X		
		Apresentação/Organização						X	
		Os materiais gráficos são visíveis por todos						X	
		Os materiais gráficos são claros						X	
	Condução da aula	Circula e posiciona-se corretamente no espaço				X			
		Comunica com clareza e economia				X			
		Identifica os comportamentos visados				X			
		São identificadas as componentes críticas					X		
		Varia os métodos de intervenção				X			
	Qualidade do Feedback	Verifica-se a compreensão da mensagem				X			
		Realiza a extensão/integração da matéria					X		
		Os Fd de forma frequente e pertinente					X		
		Utiliza as várias dimensões do Fd					X		
		Completa os ciclos de Fd				X			
	Comunicação	O Fd é de valor real e amena aos alunos					X		
		Distribui equitativamente os Fd entre diferentes alunos					X		
		Utiliza as várias direções de Fd					X		
		Controla a compreensão da mensagem				X			
Domina a matéria					X				
Gestão	Gestão do Tempo	Utiliza terminologia adequada e acessível aos alunos				X			
		Ser consistente				X			
	Organização/Transição	Saber ouvir				X			
		Ser auditiva				X			
		Utiliza comunicação observada				X			
Conclusão da aula	Questionamento				X				
	Comunicar através de uma abordagem positiva				X				
	Desafio tempo de apanhar motor					X			
	Desafio tempo de aprendizagem					X			
	Poucos apêndices de organização					X			
Declínio de ajustamento	Transições rápidas					X			
	Rotinas estruturadas: Regras precisas de segurança					X			
	Formação de grupos					X			
	Sequência lógica das atividades					X			
	Aula termina de forma progressiva					X			
CLIMA/ DISCIPLINA	Controlo	Extensão revisão e/ou extensão da matéria abordada				X			
		Sumariação do material					X		
		Atividade					X		
	Disciplina	São pedagogicamente corretas e ajustadas às situações						X	
		Num imprevisto consegue ajustar com qualidade						X	
		Tomar claras as regras da aula				X			
	Interação Professor/Aluno	Motivar o comportamento apropriado com interações positivas				X			
		Ignorar o comportamento inapropriado sempre que possível				X			
		Usar estratégias de castigo específicas e eficazes				X			
		Transmitir entusiasmo				X			
		Conversas paralelas				X			
		Comportamentos fora da tarefa				X			
Apresentação (postura/equipamento)						X			
Participa com os alunos						X			
Expressão facial: humor/contém					X				
Interação					X				
Plano da aula	Gesticulação (demonstração/inata)				X				
	Manipulação corporal (contato físico)				X				
	Distinção (distanciamento/abandono)					X			
	Frustração (ralinha)					X			
	Feedback negativo					X			

1- Muitas Dificuldades;

2- Algumas Dificuldades;

3- Satisfeito;

4- Satisfeito bem;

5- Excelente;

NA- Não Aplicável.

Observações e Notas

A professora iniciou a aula dando adequadamente a instrução no entanto penso que poderia ter sido mais económica na gestão do tempo. Por vezes, com a necessidade de sentir todos os alunos calados, acaba por perder algum tempo na instrução provocando logo um mau clima desde o início da aula.

Sendo uma das primeiras aulas da modalidade deve ser mais descritiva na sua intervenção e deve explicar todo o processo que ela envolve.

A nível de controlo foi uma aula bem organizada e estruturada, os alunos mostraram empenho e dedicação.

Por vezes ficava muito centrada num grupo e enquanto o fazia poderia ter feito feedbacks cruzados para outros grupos de posição onde ela estava. Outra estratégia que podia ter utilizado para corrigir os alunos seria chamar a atenção de toda a turma, quando percebesse que todos os grupos estavam a cometer o mesmo erro, para exemplificar num grupo e corrigir toda a turma.

Quando a professora quer demonstrar como se faz um exercício deve se certificar que está apta para o fazer e evitar dar um mau exemplo para os alunos.

No fundo, penso que a aula decorreu dentro na normalidade, ainda assim há aspetos que ela ainda pode melhorar.

Anexo 6 - Exemplo de Grelha de Avaliação Diagnóstica

Nº	Nº de Alunos	Passe	Manchete	Remate	Serviço	Deslocamentos	Observações:
1	Alberto Brás	2	2	-	3	2-	
2	Alexandre Amado	2+	2+	-	3	2+	
3	Cheila Silva	2+	2-	-	3-	1+	
4	Daniel Mateus	1+	1+	-	2	1+	
6	David Vieira	2	2+	-	3	3-	
7	Diogo Pereira	1	1	-	1	1	
8	Francisco Santos	2	2-	-	3	2-	
9	Inês Santos	2-	1+	-	2-	1+	
10	João Simão	3-	2	-	3	2	
11	João Silva	2+	3-	-	3	2+	
12	João Paulo	1+	1+	-	2+	1+	
13	José Sene	3-	2+	-	3	2-	
14	Nuno Santos	2-	2	-	3	2-	
15	Nuno Bernardino	1	2-	-	3	2-	
16	Rafael Cruz	2-	1+	-	3	1+	
17	Ricardo Augusto	2	1+	-	2+	1+	
18	Rodrigues Gomes	3-	3-	-	3	2+	
19	Ruben Faustino	3-	3-	-	2+	3-	
20	Susana Norte	2-	1-	-	3-	2-	
21	Tiago Paiva	2	2+	-	2	2	
22	Luidji	3-	2	-	2+	2+	

Parâmetros de Avaliação:

1- Não executa

2- Executa com dificuldade

3- Executa Bem

Passe:

1. Colocação por baixo da bola;
2. contato na bola com as mãos em forma de concha e dedos bem afastados;
3. extensão dos MI e MS em simultâneo.

Manchete:

1. Posição base baixa;
2. MS em completa extensão, com as faces interna dos antebraços unidas e voltadas para cima;
3. contato com a bola no terço inferior dos antebraços.

Remate:

1. A corrida de balanço deve ser curta, realizada com 2 ou no máximo 3 apoios;
2. No momento da chamada, deve verificar se encontra-se numa boa situação de equilíbrio corporal e com o centro de gravidade muito em baixo

3. Na fase de impulsão ambos os braços devem realizar um movimento de baixo para cima
4. O batimento da bola deve ser efetuado à frente do plano do corpo, com o braço em extensão.

Serviço por baixo:

1. Tronco ligeiramente inclinado para a frente;
2. contato com a bola com a palma da mão;
3. perna da frente contrária à mão que bate a bola.

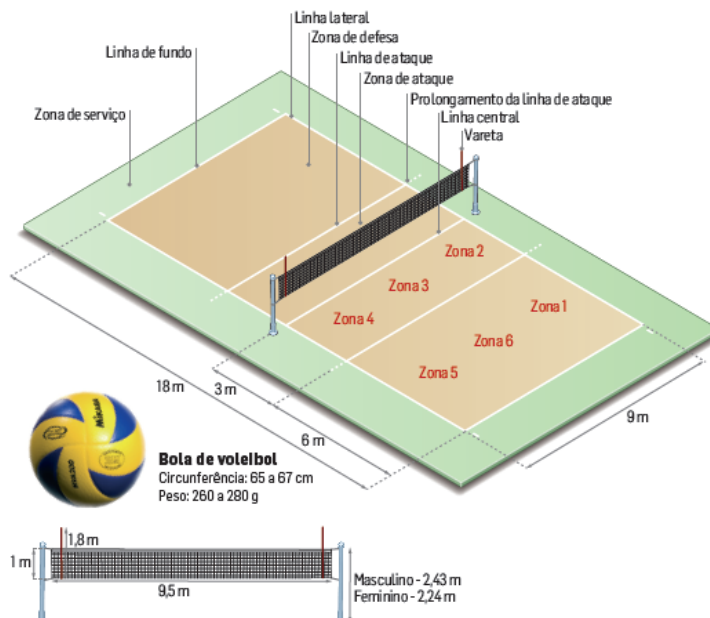
Deslocamentos:

1. Utilização da posição base;
2. desloca-se enquanto a bola está no ar;
3. Tronco inclinado à frente e em extensão;
4. Deslocamentos curtos, rápidos e rasteiros;

Anexo 7 - Grelha de Avaliação Formativa

Questionamento

1. Posições?



2. Qual o jogador que

No 4x4 e 6x6.

Componentes críticas?

3. Quais os gestos técnicos realizados para a recepção de bola?

Qual a sua principal função?

Componentes críticas?

4. Qual o jogador (nome) que tem como função dar o 2º toque?

Como se deve posicionar quando realiza esse toque?

Outra função importante desse jogador?

Determinantes técnicas desse gesto?

5. Componentes críticas do Remate?

6. Sistemas táticos abordados? 2x2, 3x3, 4x4 e 6x6.

Coberturas ofensivas/defensivas;

Defesa em w

Sistemas táticos adequados às características dos jogadores - 4:2 ou 5:1

Utilização do líbero. Funções?

serve?

Respostas

Nº	Nº de Alunos	Observações:
1	Alberto Brás	Não –III
2	Alexandre Amado	Sim –I
3	Cheila Silva	Sim – I
4	Daniel Mateus	+/-
6	David Vieira	Sim – II
7	Diogo Pereira	Não – I
8	Francisco Santos	Não – I
9	Inês Santos	Não – I
10	João Simão	Sim – II
11	João Silva	Sim – I
12	João Paulo	+/-
13	José Sene	Sim – I
14	Nuno Santos	+/-
15	Nuno Bernardino	+/-
16	Rafael Cruz	Não – I
17	Ricardo Augusto	+/-
18	Rodrigues Gomes	Não – I
19	Ruben Faustino	Não - I
20	Susana Norte	+/-
21	Tiago Paiva	+/-
22	Luidji	Sim - I

Anexo 8 - Exemplo de Grelha de Avaliação Sumativa

N°	Nome Alunos	Gestos Técnicos			Ações Táticas		Observações:
		Passes (peito/picado)	Receção	Remates (Apoio/Suspe)	Mov Ofens	Mov Def	Questões:
1	Alberto Brás	3+	3+	3+	3-	3	+
2	Alexandre	4	4	4+	4+	4	-/-
3	Cheila Silva	3+	3+	3	3	3	-
4	Daniel Mateus	-	-	-	-	-	+
6	David Vieira	5	4+	4	4+	4	+
7	Diogo Pereira	4-	3+	4-	3+	3+	+
8	Francisco Santos	4	4	3+	3	3+	-
9	Inês Santos	-	-	-	-	-	-
10	João Simão	4	4+	4+	4-	4+	+
11	João Silva	5-	5-	4+	4+	4+	+
12	João Paulo	3+	3+	3+	3+	3	-
13	José Sene	5	5-	5-	4+	4+	-
14	Nuno Santos	3+	4	3-	3+	4	+
15	Nuno Bernardino	3	3	4-	3	3+	-
16	Rafael Cruz	3	3	3	3-	3	-
17	Ricardo Augusto	3	3	3+	3-	3	-
18	Rodrigo Gomes	3+	3	3	3-	3	-/-
19	Ruben Faustino	4	4-	4+	4	4+	-
20	Susana Norte	3	3+	3-	3-	3-	-
21	Tiago Paiva	4-	4	3+	4-	4	-
22	Luidji	-	-	-	-	-	-

Parâmetros de Avaliação:

1- Não executa	2- Executa com muita dificuldade	3- Executa com dificuldade	4- Executa bem	5- Executa muito Bem
----------------	----------------------------------	----------------------------	----------------	----------------------

Movimentações Ofensivas

- Procurar criar situações de vantagem numérica ou posicional – contra-ataque;
- Desmarcar-se rapidamente para criar linhas de passe;
- Passar a bola a colegas que se encontrem em melhor posição ofensiva;
- Progredir em drible em direção à baliza para a finalização (penetrar a defesa);
- Manter a posse de bola através da lateralização quando não é possível finalizar;
- Quem não tem posse de bola deve desmarcar-se, ocupar espaços vazios, e assim, criar linhas de passe mais ofensivas ou situações de remate;

Movimentações Defensivas

- Na defesa à zona, cada jogador é responsável por uma determinada área do campo, movimentando-se

lateralmente de acordo com a circulação da bola e em função do seu portador, tendo como objetivo proteger a baliza;

- Manter a posição defesa base;
- Não permitir que o seu adversário direto finalize sem oposição;

Perguntas:

- Árbitros?
- Bola fora? Como marcar a bola fora (linha de fundo e linha lateral)?
- Guarda Redes?
- Passos? O que é um drible? Passar a bola ao GR? Pisar a linha de 6m? Bola em contacto com o solo na área de baliza?
- Livre de 9m? livre de 7m?
- Substituições?
- Cartões ou 2 minutos?

Anexo 9 - Modelo de Grelha de Autoavaliação

Ficha de Autoavaliação – 1º Período			
Nome:			
Ano:	Turma:	Nº	Ano letivo: 2015/2016

Legenda				
Sempre	Muitas Vezes	Às Vezes	Poucas Vezes	Nunca
5	4	3	2	1

Cognitivo (20%)			
Conteúdos	1ºP	2ºP	3ºP
1 – Demonstro conhecimento sobre o conteúdo abordado.			
2 – Respondo (oral e por escrito) de forma correta às questões colocadas pelo professor.			
3 – Esclareço eventuais dúvidas dos colegas.			
4 – Conheço as regras das modalidades abordadas.			
5 – Conheço as componentes críticas base dos gestos a realizar.			
6 – Elaboro e entrego os relatórios das aulas que não realizo.			
De 1 a 5 qual a nota que mereço no domínio Cognitivo?			

Socio-Afetivo (20%)			
Conteúdos	1ºP	2ºP	3ºP
1 – Coopero com os meus colegas e professor nas atividades.			
2 – Trago o equipamento necessário para a realização da aula.			
3 – Sou pontual e assíduo.			
4 – Executo as tarefas propostas pelo professor.			
5 – Tento superar as minhas dificuldades.			
6 – Respeito as regras de convivência.			
7 – Preocupo-me com a minha higiene pessoal (banhos).			
8 – Cuido e preocupo-me com os materiais.			
9 – Consigo ouvir o que me é transmitido.			
10 – Respeito as diferenças dos colegas.			
De 1 a 5 qual a nota que mereces no domínio Socio-Afetivo?			

Psicomotor (60%)			
Conteúdos	1ºP	2ºP	3ºP
1 – Executo corretamente os gestos técnicos das modalidades.			
2 – Posso coordenação dos segmentos corporais.			
3 – Utilizo as estratégias (defesa-ataque) básicas do jogo.			
3 – Aplico correctamente as componentes críticas nas modalidades individuais			
4 – Aplico em jogo situação trabalhadas de forma analítica.			
De 1 a 5 qual a nota que mereces no domínio Psicomotor?			

1º Período			
Cognitivo (C)	Socioafetivo (S)	Psicomotor (P)	Total
Nota: <u> </u> x0,20=	Nota: <u> </u> x0,2=	Nota: <u> </u> x0,6=	C+S+P=

2º Período			
Cognitivo (C)	Socioafetivo (S)	Psicomotor (P)	Total
Nota: <u> </u> x0,20=	Nota: <u> </u> x0,2=	Nota: <u> </u> x0,6=	C+S+P=

3º Período			
Cognitivo (C)	Socioafetivo (S)	Psicomotor (P)	Total
Nota: <u> </u> x0,20=	Nota: <u> </u> x0,2=	Nota: <u> </u> x0,6=	C+S+P=

Nota Final - 1º Período:	Justificação:
Nota Final - 2º Período:	Justificação:
Nota Final - 3º Período:	Justificação:

Propostas para melhorar as aulas de EF (1º Período):
Propostas para melhorar as aulas de EF (2º Período):
Propostas para melhorar as aulas de EF (3º Período):

Anexo 10 - Inquérito do Tema-Problema aos alunos do 3º Ciclo

Questionário sobre a importância das demonstrações, efetuadas nas aulas de Educação Física, no processo Ensino-Aprendizagem

O presente inquérito enquadra-se numa investigação sobre o tema: "Demonstração nas aulas de Educação Física" realizada pelo Núcleo de Estágio de Educação Física do teu agrupamento. Uma demonstração é quando o professor mostra como se faz um exercício para os alunos o verem antes ou depois de ter explicado verbalmente.

Com este questionário pretende-se recolher informação sobre o tipo de demonstrações que o teu/tua professor(a) de Educação Física utiliza nas aulas, quais preferes e como aprendes melhor. O objetivo é tentar perceber como os alunos entendem as demonstrações nas aulas de Educação Física. A tua colaboração é fundamental e os dados recolhidos destinam-se a tratamento estatístico, sendo garantida a confidencialidade dos mesmos.

Este questionário não é um teste nem uma avaliação, pelo que não haverá respostas boas ou más, certas ou erradas. A tua resposta sincera e espontânea será a melhor resposta.

Grupo I - Opinião sobre a disciplina de Educação Física

Neste grupo pretendemos saber a tua opinião sobre a disciplina de Educação Física. Considerando a seguinte escala em que 1 corresponde a **nada** e 4 corresponde a **muitíssimo**, assinala com um X, por baixo do valor correspondente à opção mais adequada.

	Nada Muitíssimo			
1.1. Menciona o quanto gostas da disciplina de Educação Física.				
1.2. Refere o quanto a disciplina de Educação Física é importante para a tua formação global como pessoa.				
1.3. Refere o grau de empenho/prestação à disciplina de Educação Física.				

Grupo II - As demonstrações nas tuas aulas de Educação Física

Neste grupo de perguntas, queremos saber como é realizada a demonstração nas tuas aulas de Educação Física e quais as tuas preferências em relação a essa demonstração, nos desportos coletivos e individuais.

Nas questões seguintes apresentamos várias afirmações sobre demonstração. Queremos saber a tua opinião para os desportos individuais e para os coletivos. Em cada afirmação assinala a tua opinião, colocando um X em cada tipo de desportos, numa escala entre **1 – Discordo Totalmente** e **4 – Concordo Totalmente**. Se não souberes, assinala **NS – Não Sei**.

1. Qual é o tipo de demonstração que é utilizada nas tuas aulas de Educação Física.

Nas minhas aulas de Educação Física a demonstração dos exercícios é realizada...	a.Desp. Individuais					b.Desp. Coletivos				
Afirmações					S					S
1.1. pelo professor.										
1.2. pelo aluno com mais jeito.										
1.3. pelo aluno com menos jeito.										
1.4. antes da explicação oral.										
1.5. depois da explicação oral.										
1.6. para toda a turma.										
1.7. para um grupo dentro da turma.										
1.8. para um aluno (eu).										
1.9. antes do exercício.										
1.10. durante o exercício.										
1.11. no fim do exercício.										

2. Como preferes que seja feita a demonstração nas aulas de Educação Física.
(Em cada afirmação assinala a tua opinião, colocando um X para cada tipo de Desportos)

Eu prefiro que a demonstração seja realizada...	Desp. Individuais					Desp. Coletivos				
Afirmações					S					S
2.1. pelo professor.										
2.2. pelo aluno com mais jeito.										
2.3. pelo aluno com menos jeito.										
2.4. antes da explicação.										
2.5. depois da explicação.										
2.6. para toda a turma.										
2.7. para um grupo dentro da turma.										
2.8. para um aluno (eu).										
2.9. antes do exercício.										
2.10. durante o exercício.										
2.11. no fim do exercício.										

Grupo III – Como aprendo melhor

Neste grupo, pretendemos saber com que tipo de demonstração aprendes melhor, ou seja qual o teu tipo de demonstração ideal.

1. Qual é o tipo de demonstração com que aprendes melhor? (Assinala em cada bloco temático com um X, uma única opção)

Eu aprendo melhor quando a demonstração é realizada...			
Blocos Temáticos	Modelo	1.1. <u>pelo professor.</u>	
		1.2. <u>pelo aluno com mais jeito.</u>	
		1.3. <u>pelo aluno com menos jeito.</u>	
	Composição	1.4. <u>antes da explicação.</u>	
		1.5. <u>depois da explicação.</u>	
	Direção	1.6. <u>para toda a turma.</u>	
		1.7. <u>para o meu grupo dentro da turma.</u>	
		1.8. <u>para um aluno (eu).</u>	
	Momento	1.9. <u>antes do exercício.</u>	
		1.10. <u>durante o exercício.</u>	
		1.11. <u>no fim do exercício.</u>	
	Meios Auxiliares	1.12. <u>sem recurso a meio auxiliar.</u>	
		1.13. <u>com recurso a vídeo.</u>	
		1.14. <u>com recurso a imagem.</u>	

Obrigado pela tua colaboração e pelo tempo disponibilizado



Anexo 11 - Certificado do Ciclo de Conferências de Didática da Educação Física “A Ginástica como matéria de ensino”;

**CICLO DE CONFERÊNCIAS DE DIDÁTICA
DA
EDUCAÇÃO FÍSICA**

A GINÁSTICA COMO MATÉRIA DE ENSINO

25 de setembro de 2015

CERTIFICADO

Certifica-se que João Filipe Targuinha esteve presente
na conferência com o tema: **A Ginástica Como Matéria de Ensino.**

Coimbra, 25 de setembro de 2015

<p>A Coordenadora do MEEFEBS</p>  <p>(Prof. Doutora Elsa Ribeiro da Silva)</p>	<p>O Diretor da FCDEF</p>  <p>(Prof. Doutor António José Figueiredo)</p>
---	--


UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Anexo 12 - Certificado do Ciclo de Conferências de Didática da Educação Física “O Badminton como matéria de ensino”;



**CICLO DE CONFERÊNCIAS DE DIDÁTICA
DA
EDUCAÇÃO FÍSICA**

O BADMÍNTON COMO MATÉRIA DE ENSINO

23 de outubro de 2015

CERTIFICADO

Certifica-se que Juiz Felipe Torguinaldo esteve presente
na conferência com o tema: **O Badminton Como Matéria de Ensino.**

Coimbra, 23 de outubro de 2015

A Coordenadora do MEEFEBs

(Prof.ª Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

O Diretor da FCDEF

(Prof. Doutor António José Figueiredo)


UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Anexo 13 - Certificado do Ciclo de Conferências de Didática da Educação Física “A Dança como matéria de ensino”;

CICLO DE CONFERÊNCIAS DE DIDÁTICA
DA
EDUCAÇÃO FÍSICA

A DANÇA COMO MATÉRIA DE ENSINO

27 novembro de 2015



CERTIFICADO

Certifica-se que João Filipe Torquialva esteve presente
na conferência com o tema: A Dança Como Matéria de Ensino.

Coimbra, 27 novembro de 2015

A Coordenadora do MEEFEBs

(Prof.^a Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

O Diretor da FCDEF

(Prof. Doutor António José Figueiredo)



FACULDADE DE CIÊNCIAS
DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Anexo 14 - Certificado de apresentação – V Fórum Internacional das Ciências da Educação Física com o tema: *Matabol – Uma nova abordagem aos Desportos Coletivos*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

19 e 20 maio 2016

V Fórum Internacional das Ciências da Educação Física



Ensinar e Aprender em Educação Física

Certifica-se que

Luís Tasquinha

apresentou um trabalho sobre o tema:

Matabol - Uma nova abordagem aos Desportos Coletivos

A Coordenadora do MEEFEBS



(Prof.ª Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

Coimbra, 20 de maio de 2016



O Diretor da FCDEF-UC



(Prof. Doutor António Figueiredo)